

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de História

SAMUEL VIDAL DE LIMA

**Futebol, paixão e violência: da introdução do esporte no Brasil à Batalha Campal de
1995 e suas implicações no ato de torcer**

Uberlândia

2025

SAMUEL VIDAL DE LIMA

Futebol, paixão e violência: da introdução do esporte no Brasil à Batalha Campal de 1995 e suas implicações no ato de torcer

Monografia apresentada aos Cursos de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciada e Bacharel em História, sob a orientação da Prof.º Dr. Deivy Ferreira Carneiro.

Uberlândia

2025

SAMUEL VIDAL DE LIMA

Futebol, paixão e violência: da introdução do esporte no Brasil à Batalha Campal de 1995 e suas implicações no ato de torcer

Banca Examinadora

Prof.º Dr. Deivy Ferreira Carneiro

AGRADECIMENTOS

Aqueles que estiveram ao meu lado sabem como foi difícil a caminhada durante a minha graduação, e são eles que recebem os meus eternos agradecimentos.

Agradeço primeiramente à minha mãe, que me incentivou e me deu todo o apoio para ingressar na faculdade federal. Por todas as palavras orgulhosas ditas a mim e a todas as pessoas que ela mal conhecia. Sinto muito por não ter conseguido terminar enquanto a senhora estava viva, mas deixo aqui o meu sincero agradecimento; sei que vai se orgulhar de onde estiver.

À minha irmã, Samara, por todas as palavras de carinho e de encorajamento ao longo dessa etapa. Pelos momentos em que escutou todas as minhas reclamações com toda a paciência possível. Sinto que, sem você, nada disso teria sido possível.

À minha irmã, Sanaira, obrigado por me cobrar mais, por sempre acreditar no meu potencial. Agradeço por tudo que me ensinou e ensina diariamente; seu apoio foi essencial para a minha formação como homem.

À minha sobrinha, Maria Eduarda. Você é um dos principais motivos dessa conclusão no curso; desejo ser um bom exemplo para você se orgulhar e se inspirar nos estudos do presente e do futuro.

À minha namorada, Marina, por ter chegado e, em pouco tempo, redefinido o que eu sabia sobre o amor; pelas palavras carinhosas de incentivo e por acreditar fielmente que eu conseguiria.

Agradeço também aos meus amigos que me acompanharam durante a graduação, toda a turma da 44^a, em especial o Eduardo Baldo, Cristiano, Leonardo, Gaia, Henrique, Snoop e Lucas. Sem vocês, a jornada teria sido muito mais cansativa. Agradeço ao time de futsal da Humanas, por todos os treinos e campeonatos que passamos juntos.

E não poderia deixar de agradecer aos meus grandes amigos que, de algum modo, me ajudaram nessa etapa: Bebel, Wainer, Gambá, Ursão, Todyn, Gambeva, Wellington Paulo, Will, Samuelzin, Roberth, Guilherme, Bianca, Lucas e todos os outros. Se fosse listar todos, ficaria escrevendo por vários dias.

Por fim, fica meu agradecimento ao meu orientador, prof^o Deivy Ferreira Carneiro, por ter acreditado nesse projeto e me incentivado a não desistir, mesmo quando eu próprio não acreditava. Sabemos que não foi nada fácil chegar até aqui, e agradeço do fundo do coração por tudo.

RESUMO

Este trabalho tem como propósito examinar a trajetória histórica do ato de torcer no Brasil, investigando os processos que culminaram na consolidação da figura do torcedor, com ênfase especial nas torcidas organizadas e nos conflitos mais significativos ocorridos tanto no âmbito nacional quanto internacional. A análise considera aspectos sociais, culturais e econômicos, buscando compreender principalmente como a violência entre torcidas influenciou a percepção pública e impulsionou a criação de regulamentações para enfrentar o problema. Para tanto, foram utilizadas fontes bibliográficas, legislativas e da imprensa, tendo como principal referência o jornal *A Tribuna*.

Palavras-chave: Futebol; torcidas organizadas; violência no futebol; Batalha Campal de 1995; regulamentação; torcedor.

ABSTRACT

This study aims to examine the historical trajectory of cheering practices in Brazil, investigating the processes that led to the consolidation of the fan figure, with a special focus on organized fan groups and the most significant conflicts that occurred both nationally and internationally. The analysis encompasses social, cultural, and economic aspects, seeking to understand primarily how violence among supporters has influenced public perception and driven the creation of regulations to address the issue. To this end, bibliographic, legislative, and press sources were utilized, with the newspaper *A Tribuna* being the main reference.

Keywords: Football; organized supporter groups; football violence; 1995 Batalha Campal; regulation; supporter.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Representação dos torcedores organizados de um time

Figura 2 - Torcida organizada da Fiel Força Tricolor, Botafogo de Ribeirão Preto

Figura 3 - Disposição de faixas e bandeiras em um estádio durante uma partida entre Botafogo de Ribeirão Preto x Comercial de Ribeirão Preto.

Figura 4 - Os torcedores da Mancha Verde, do Palmeiras, e da Independente, do São Paulo FC, entram em confronto após partida válida pela final da II Supercopa de Juniores 1995. O Verdão venceu o jogo na prorrogação, por 1 a 0, e conquistou o título.

Figura 5 - Jornal A Tribuna, manchete Dia de sangue no Pacaembu. Jornalista: Sílvio Ricardo Ribeiro.

Figura 6 - Jornal A tribuna, *matéria* Gás e água fria: Deputado Erasmo Dias dá a receita para reprimir os agressores.

Figura 7 - Jornal A Tribuna, manchete O fim da Mancha Verde: Liminar suspende as atividades da Torcida Organizada do Palmeiras.

Figura 8 - Matéria Jornal A tribuna, manchete” Independente é a Próxima que Vai Ter a Sede Fechada.

Figura 9 - Matéria Jornal A tribuna, manchete “Torcedora Tricolor é Indiciada”.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 - PONTA PÉ INICIAL: OS CAMINHOS ATÉ O FUTEBOL SE TORNAR UM ESPORTE DE MASSAS	16
CAPÍTULO 2 – A DINÂMICA DAS TORCIDAS E A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL BRASILEIRO: EVOLUÇÃO, CONFLITOS E IMPACTOS	28
CAPÍTULO 3 – REAÇÕES E CONSEQUÊNCIAS: A AÇÃO DAS AUTORIDADES FRENTE A EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA MARCANTES NO FUTEBOL	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
FONTES.....	65
BIBLIOGRAFIA	67

INTRODUÇÃO

O futebol, mais do que uma prática esportiva, é um fenômeno cultural profundamente enraizado na sociedade brasileira. Desde a sua chegada ao Brasil no final do século XIX, o esporte se transformou em um elemento central da identidade nacional, evoluindo junto com os processos sociais, culturais e econômicos do país. Uma peça fundamental desse espetáculo é o torcedor, cuja trajetória reflete mudanças significativas na forma de se relacionar com o esporte. O torcedor brasileiro passou de um público elitizado e contido no início do século XX para uma massa vibrante e organizada, com o surgimento das torcidas uniformizadas e, posteriormente, das torcidas organizadas.

Entretanto, essa transformação trouxe consigo um fenômeno complexo e preocupante: a violência entre torcidas. Episódios emblemáticos de conflitos, tanto nacionais quanto internacionais, expuseram a necessidade de regulamentar o comportamento dos torcedores e garantir a segurança nos estádios. No Brasil, eventos trágicos como a “Batalha Campal” de 1995 impulsionaram a criação de leis específicas, como o *Estatuto de Defesa do Torcedor (Lei nº 10.671/2003)*, visando conter a violência e proteger os espectadores.

Este trabalho tem como objetivo investigar a formação e consolidação do torcedor brasileiro, com foco nas torcidas organizadas — em especial a Gaviões da Fiel (Corinthians), Mancha Verde (Palmeiras), Torcida Jovem (Santos) e Independente (São Paulo) — e na dinâmica da violência associada a esses grupos. A pesquisa abrange um recorte temporal que vai desde a popularização do futebol nas décadas de 1910–1920 até a regulamentação do Estatuto do Torcedor em 2003, com ênfase nos anos 1970–1990, período de consolidação das torcidas e de episódios críticos como a ‘Batalha Campal’ (1995). Com base em autores como Luiz Henrique de Toledo, Carlos Alberto Máximo Pimenta, Norbert Elias e Bernardo Buarque de Hollanda, e utilizando como fonte principal o jornal *A Tribuna* (1995) — além de registros audiovisuais, cantigas de torcidas e legislações como o EDT —, busca-se entender como o ato de torcer evoluiu e como a violência impactou a percepção pública e as políticas esportivas no Brasil.

A motivação para este trabalho nasce da minha profunda paixão pelo futebol, que sempre esteve intrinsecamente ligada à minha vida. Esse fascínio pelo esporte foi alimentado pelos grandes espetáculos proporcionados pelas torcidas nos estádios ao redor do mundo, especialmente no Brasil. No entanto, tive poucas oportunidades de presenciar esses momentos ao vivo, devido à intensa cobertura midiática de episódios de violência. Na mesma medida, tal fato também me levou a buscar uma maior compreensão das razões por trás desses acontecimentos. Esse sentimento se intensificou durante minha graduação, levando-me a

enxergar o torcedor e as torcidas organizadas como elementos importantes na história do país, cuja trajetória e transformações merecem ser compreendidas até chegarmos ao cenário que conhecemos hoje.

Além disso, um dos principais incentivos para realizar esta pesquisa foi o desejo de compartilhar conteúdo acadêmico com meus amigos que não fazem parte do meio acadêmico, abordando um tema relevante para o cotidiano deles. Desde que comecei a universidade, percebi a dificuldade de comunicar o conhecimento acadêmico para a população em geral, já que muitos temas costumam parecer distantes da realidade cotidiana das pessoas. Isso me motivou a desenvolver uma pesquisa que possa aproximar essas pessoas, ainda que um pouco, da Universidade Federal. Por isso, é difícil imaginar algo mais familiar para o brasileiro do que o futebol, o esporte mais importante do país. Agora, voltando a atenção para os principais personagens: os torcedores.

A metodologia utilizada para leitura, análise e interpretações dos textos, documentos e jornais será baseado na metodologia de leitura e documentação do prof. Doutor Antônio Joaquim Severino¹ que se resume em cinco pontos:

O primeiro é uma análise textual, buscando se preparar para o texto; trabalhando sobre unidade delimitadas (capítulos, seções... sempre trechos com um pensamento completo), realizando uma leitura rápida e atenta da unidade para se adquirir uma visão de conjunto da mesma. Levantar esclarecimentos relativos ao autor, o vocabulário específico, aos fatos, doutrinas e autores citados, que sejam importantes para a compreensão da mensagem.

O segundo ponto é a análise temática buscando a compreensão do texto, determinando o tema-problema, a ideia central e as ideias secundárias, refazendo a linha de raciocínio do autor evidenciando a estrutura lógica do texto.

O terceiro ponto é a análise interpretativa que busca a interpretação do texto. Neste procedimento é necessário situar o texto no contexto da vida e obra do autor, assim como no contexto da cultura de sua especialidade, explicitando os pressupostos filosóficos do autor que justifiquem suas posturas teóricas, exercendo uma atitude crítica diante das posições do ator em termos de: a) coerência interna da argumentação; b) validade dos argumentos empregados; c)

¹ Severino, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007, p. 49-65.

originalidade do tratamento dado ao problema; d) profundidade de análise ao tema; e) alcance de suas conclusões e consequências; f) apreciação e juízo pessoal das ideias defendidas.

O quarto ponto é a problematização que busca a discussão do texto, levantando debates sobre questões implícitas e/ou explícitas no texto. E o último ponto é a síntese pessoal que tem por objetivo a reelaboração pessoal da mensagem transmitida a partir das análises, compreensão, interpretação e problematização realizada da fonte observada.

O futebol é uma prática cultural que, fundamentada nos valores da modernidade, se consolida no Brasil com o início do século XX. Ele ocupa espaço de destaque na televisão, é tema central nos noticiários e nas conversas em diversos ambientes, desde os lares até as praças públicas. Nesse contexto social, o torcedor emerge como um dos protagonistas principais, ocupando as arquibancadas e desempenhando um papel vital no espetáculo futebolístico. Assim, surge a experiência de pertencimento clubístico, marcada pela criação de laços afetivos e emocionais entre os torcedores e os clubes que apoiam. Segundo Luiz Henrique de Toledo em seu livro *Lógicas do futebol*² enfatiza a importância da participação e do envolvimento ativo desses indivíduos, que colaboram para intensificar a tensão e a incerteza fora das quatro linhas, elementos cruciais para aumentar o prazer e a emoção que o futebol proporciona.

Nos primeiros tempos do ato de torcer no Brasil, nota-se a presença de um público elegante e com gestos moderados — traços característicos das classes sociais mais altas daquela época. Havia uma baixa identificação clubística e emocional com o jogo; o principal objetivo era incentivar a participação do público e apoiar os times, visando uma exibição mais impactante tanto no campo quanto nas arquibancadas. Estes espaços eram locais de lazer para aqueles que apreciavam o jogo, onde o som predominante era de aplausos incentivando os jogadores. Além disso, fora do campo, as arquibancadas serviam como espaços de convivência social, onde as pessoas iam para ver e serem vistas. Com a expansão do futebol entre as ligas locais e, mais tarde, interestaduais, houve um aumento significativo de partidas entre os mesmos clubes, o que levou à formação de rivalidades crescentes à medida que os primeiros campeonatos nacionais começavam a ser disputados.

A figura social do "torcedor" nasce quando o espectador das partidas, no processo de popularização do futebol no Brasil, começa a se sentir parte integrante do evento: seus gritos de apoio fazem-no sentir-se participante da vitória, enquanto o gosto amargo da derrota o afeta

² Toledo, Luiz Henrique de. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2002. 342 p.

de igual maneira. O clube passa a ter um papel significativo na vida de quem se dedica a acompanhá-lo; inicialmente pelo rádio, depois pela televisão, e atualmente pelas redes sociais. A identificação com um clube específico começa a se manifestar durante os jogos, e uma atitude mais passional se torna evidente nas arquibancadas, expressa por meio de vaias ao árbitro, críticas, e até mesmo hostilidades aos adversários. A escolha do termo "torcedor", destaca o novo papel que ele passa a exercer: o torcedor é aquele que torce, retorce, e se contorce, movido pela emoção que o assistir ao futebol desperta. Dessa forma, o ato de torcer se estabelece como o elemento central do futebol.

As torcidas organizadas surgiram em um momento de mudanças estruturais no futebol paulista. Com a construção de grandes estádios como o Pacaembu (1940) e o Morumbi (1960), houve uma necessidade crescente de mobilização de torcedores para ocupar essas novas arenas. Paralelamente, os anos 1960 e 1970 foram marcados por tensões políticas e sociais no Brasil, com o regime militar influenciando diretamente os clubes e suas relações com os torcedores.

Os primeiros clubes a contribuir para o surgimento das torcidas organizadas em São Paulo foram aqueles com forte apelo popular e grande mobilização de massa. O Sport Club Corinthians Paulista foi um dos principais pioneiros nesse movimento. A torcida corintiana, conhecida por sua paixão intensa, viu nascer os Gaviões da Fiel em 1969. Este grupo surgiu em um contexto de insatisfação com a gestão do presidente Wadih Helu e com a longa falta de títulos desde 1954. Os Gaviões não apenas apoiavam o time, mas também tinham uma postura crítica e politizada, buscando influenciar os rumos do clube e fiscalizar suas gestões.

Outro clube importante nesse processo foi o São Paulo Futebol Clube. Durante os anos 1940, surgiu a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), liderada por Manoel Raymundo Paes de Almeida. A TUSP era composta majoritariamente por membros da classe média e se destacava pela organização, uniformização dos torcedores e apoio fervoroso ao time, representando os valores esportivos da época.

A Sociedade Esportiva Palmeiras também teve um papel relevante nesse cenário com a criação da Mancha Verde em 1983. Esta torcida organizada nasceu da união de três grupos palmeirenses menores — Império Verde, Inferno Verde e Grêmio Alviverde. Seu surgimento foi motivado pelo desejo de recuperar o “respeito” da torcida palmeirense em um período de crescentes rivalidades violentas com outras torcidas.

Em Campinas, os clubes Associação Atlética Ponte Preta e Guarani Futebol Clube também contribuíram para o desenvolvimento das torcidas organizadas no interior paulista. A

Torcida Jovem da Ponte Preta e a Guerreiros da Tribo, que apoiavam o Guarani, se destacou na década de 1970. Ambas participaram ativamente do movimento das torcidas organizadas e se integraram à ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo), fortalecendo as reivindicações coletivas por melhores condições para os torcedores.³

As primeiras torcidas uniformizadas dos anos 1940 e 1950, representavam uma forma tradicional de apoio ao clube, com torcedores vestindo cores padronizadas e ocupando locais específicos nos estádios. Contudo, com a criação de grupos como os Gaviões da Fiel em 1969 e a Torcida Jovem da Ponte Preta, essas manifestações se tornaram mais organizadas e politizadas. Esses grupos não se limitavam apenas a apoiar os clubes durante os jogos, mas também passaram a fiscalizar as gestões dos dirigentes e a lutar por mudanças internas nos clubes, inaugurando um novo espaço de negociação entre torcedores e a administração das equipes.

Esses grupos não apenas animavam os estádios, mas também buscavam influenciar a gestão dos clubes e garantir direitos para os torcedores. Contudo, a violência crescente entre torcidas rivais acabou por estigmatizar esses movimentos, levando ao enfraquecimento de iniciativas coletivas como a ATOESP, que encerrou suas atividades em 1983 devido ao rompimento do pacto de não agressão entre os grêmios de torcedores.

Dada a importância do torcedor para os espetáculos, surge também a necessidade de uma maior organização, o que levou à formação das torcidas organizadas. A relevância desses torcedores organizados para o futebol é inegável; entretanto, a violência entre eles se tornou uma questão impossível de ignorar. As consequências desses conflitos resultam em episódios marcantes e trágicos ao longo da história do futebol, inflacionados por cânticos agressivos e violências verbais que se tornaram rotina nos jogos. Alguns desses casos emblemáticos incluem a "Batalha Campal", nome pelo qual ficou conhecido o jogo entre Palmeiras e São Paulo, na final da Supercopa de Futebol Júnior, que resultou em mais de 100 feridos e um morto. Outro caso seria o confronto entre Liverpool e Juventus, em 1985, conhecido como a "Tragédia de Heysel", que terminou com 39 torcedores mortos e cerca de 450 feridos em um embate entre os hooligans ingleses e os ultras italianos.

³ Canale, Vitor dos Santos. *Um movimento em muitas cores: O circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988. Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)*. 2020. P. 17-32. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) — Fundação Getúlio Vargas, Escola de Ciências Sociais – FGV CPDOC, Rio de Janeiro, 2020.

Em virtude do que foi exposto até o momento, sobretudo esses notórios episódios envolvendo violência entre torcedores de futebol, este trabalho visa explorar a trajetória da formação do ato de torcer no Brasil, investigando seus processos até a consolidação do torcedor, com foco particular nas torcidas organizadas e em alguns de seus mais relevantes conflitos em território nacional e internacional. A análise abrange fatores sociais, culturais e econômicos, com o objetivo principal de discutir a violência entre torcidas, sobretudo o impacto desses episódios na percepção pública e como os mesmos levaram à criação de regulamentações, incluindo o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT).

Para a realização deste estudo, será conduzida uma revisão bibliográfica com base em autores de referência na área, como Luiz Henrique de Toledo, Carlos Alberto Máximo Pimenta, Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Norbert Elias, Eric Dunning, entre outros. Pretende-se, a partir das contribuições teóricas e dos estudos históricos desses autores sobre o futebol, desenvolver uma investigação que auxilie na elucidação do tema e na resposta aos objetivos propostos. Além das obras desses autores, serão também utilizadas fontes primárias, tais como jornais, imagens e vídeos da mídia. Tais escolhas são justificadas pela sua relevância como fontes históricas, compreendidas aqui como evidências fundamentais para a prática historiográfica.

No primeiro capítulo, *Ponta pé inicial: os caminhos até o futebol se tornar um esporte de massas* buscamos explorar a trajetória da formação do "torcer" no Brasil, desde suas primeiras manifestações até a consolidação do torcedor contemporâneo. Para isso, serão analisados os fatores sociais, culturais e econômicos que contribuíram para o surgimento e a evolução do público esportivo no país. O capítulo busca traçar um panorama das transformações sociais e culturais que levaram à transição do espectador ao torcedor, destacando a importância das torcidas organizadas e o desenvolvimento de uma cultura futebolística ativa e diversificada no Brasil. Antes disso, acredito que para entender a relação dos torcedores com o futebol hoje, é necessário revisar a história do esporte, especialmente no contexto brasileiro. Como o futebol que conhecemos hoje se tornou um fenômeno global, resultado de uma longa evolução que começou com a sua origem e transformação na Inglaterra.

No segundo capítulo, *A dinâmica das torcidas e a violência no futebol brasileiro: evolução, conflitos e impactos*, exploramos a evolução do torcedor e a formação das torcidas organizadas no Brasil, desde as primeiras torcidas uniformizadas nas décadas de 1930 e 1940 até a consolidação das torcidas organizadas como espaços de sociabilidade e identidade coletiva a partir dos anos 1970. O capítulo destaca como o contexto histórico, especialmente o regime

militar, influenciou a estruturação desses grupos, que passaram a assumir uma postura mais militarizada e contestadora. Analisamos também a transformação no ato de torcer, marcada pela rivalidade entre torcidas, a construção de identidades visuais e a adoção de cantos e símbolos que reforçam o pertencimento ao grupo. Por fim, discutimos o aumento da violência entre torcidas organizadas, especialmente a partir dos anos 1990, e as medidas repressivas adotadas pelas autoridades, que, embora necessárias, muitas vezes reforçaram a marginalização desses grupos sem abordar as causas estruturais do problema. O capítulo conclui refletindo sobre a necessidade de políticas integradas que combinem repressão, prevenção e diálogo para enfrentar a violência no futebol de forma eficaz.

No terceiro capítulo, *Reações e Consequências: A ação das autoridades frente a episódios marcantes no futebol*, o foco recai sobre a "Batalha Campal" do Pacaembu (1995), um evento trágico que marcou a história do futebol brasileiro ao expor a violência entre torcidas organizadas e as falhas na segurança dos estádios. A partir desse episódio, o capítulo analisa as respostas das autoridades, como o fechamento das torcidas envolvidas e a criação do Estatuto do Torcedor (2003), destacando a abordagem repressiva e suas limitações. Paralelos com tragédias internacionais, como Heysel (1985) e Hillsborough (1989), são traçados para discutir as mudanças legislativas e estruturais adotadas em diferentes contextos. O capítulo conclui refletindo sobre a necessidade de políticas integradas, que combinem repressão, prevenção e diálogo, para enfrentar a violência no futebol de forma eficaz e sustentável. Por fim, procuramos apresentar algumas considerações finais sobre a pesquisa e responder às questões abordadas ao longo deste trabalho.

CAPÍTULO 1 - PONTA PÉ INICIAL: OS CAMINHOS ATÉ O FUTEBOL SE TORNAR UM ESPORTE DE MASSAS

Para abordar especificamente os torcedores nos tempos atuais, é fundamental retroceder na história e compreender a origem desses protagonistas, especialmente no contexto brasileiro. É importante realizar um breve panorama sobre a origem do futebol e sua transformação em um esporte de massas. Para isso, é crucial reconhecer que o esporte que conhecemos hoje é resultado de uma longa construção que levou anos para se estabelecer globalmente. Neste trabalho, busco evidenciar essas transformações no futebol, partindo de sua origem no mundo até sua chegada ao Brasil.

De acordo com o historiador Hilário Franco Junior em seu livro “*A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*”⁴, ao longo da história foram registrados diversos jogos semelhantes, cada um com seus próprios significados e crenças, alguns até mesmo com conotações religiosas, representando suas respectivas sociedades. Entretanto, para o propósito deste trabalho, não nos aprofundaremos nessas outras manifestações, pois o foco principal será abordar o futebol tal como o conhecemos nos dias atuais.

Nesse sentido, é necessário direcionarmos nossa atenção para a Inglaterra do século XIX, um dos principais responsáveis por difundir o futebol que conhecemos atualmente. Esse esporte, ao contrário dos jogos com bola registrados ao longo dos anos, assumiria um caráter mais racional, refletindo um contexto de constantes mudanças e inovações⁵. Não podemos dissociar o futebol do momento histórico que o mundo vivenciava naquela época, marcado por grandes revoluções, como a francesa e a industrial. Esse cenário de mudanças radicais na conjuntura global resultou em uma atividade que representava as transformações daquele período, originando o futebol, um esporte que apresentava notáveis semelhanças com o fenômeno industrial, tais como divisão de funções, competições existentes, busca por resultados e estabelecimento de regras⁶.

O próximo passo para o esporte ganhar ainda mais importância naquela sociedade seria a aplicação de regras, que visavam restringir a violência descontrolada e conter o comportamento social, assim como na sociedade em geral. Com o aumento da prática em meados do século XIX, tornou-se necessário implementar regras para padronizar a forma de

⁴ Franco Júnior, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁵ Pimenta, Carlos Alberto Máximo. *Violência entre torcidas organizadas de futebol: Violência e Auto-afirmação*. São Paulo: Editora Vogal, p. 160, 1997.

⁶ Franco Júnior, *Op. Cit.*, 20-30.

jogar naquele momento⁷. A grande responsável por essa transformação no jogo, por meio da implementação das regras, foi a *Football Association*, uma instituição fundada em 1863, dedicada à criação e ao controle do futebol, transformando-o em um esporte com regras universais. Antes disso, o futebol seguia as regras locais de cada região, baseadas em tradições e variando de um lugar para outro. Portanto, as regras desempenharam um papel fundamental na solidificação do futebol⁸.

Nesse ponto, é relevante destacar que, segundo Heloisa Helena Baldy Reis em seu livro *Futebol e violência* (2006), o crescimento do futebol ocorreu de forma independente de várias estruturas sociais, o que evidencia sua capacidade de atrair pessoas em diferentes contextos e países. Segundo a autora:

[...]parece que existe algo na estrutura do futebol que lhe confere uma grande atração no moderno, uma atração que parece ser relativamente independente do nível de desenvolvimento dos países e das características sócio-políticas dos respectivos governos⁹.

Essa característica única permitiu que o futebol se expandisse globalmente, ao mesmo tempo em que oferecia aos indivíduos formas de expressar emoções que muitas vezes iam contra as normas da época. Esse sucesso inicial encontrou um ponto crucial na profissionalização do esporte na Inglaterra em 1885, que aumentou significativamente o interesse popular. Esse período contou com o impulso de desempregados, que, com tempo ocioso, dedicaram-se ao novo esporte, ajudando a consolidar sua prática no país.

Norbert Elias e Eric Dunning, no livro *A busca da excitação* (1992) argumentam que a normatização das regras, que fortificou o esporte que conhecemos hoje, foi uma necessidade da sociedade europeia da época, marcada pela industrialização e urbanização. Essas mudanças resultaram na esportivização dos jogos e na sua industrialização:

Sem dúvida que a industrialização e a urbanização desempenharam um papel no desenvolvimento e na difusão das formas de ocupação de tempo livre com as características de desportos, mas também é possível que, tanto a industrialização como a desportivização, tenham sido sintomáticas de uma transformação mais profunda das sociedades europeias, que exigia dos seus membros individuais uma maior regularidade e diferenciação de comportamentos. (...) É possível pensar que as sociedades europeias, falando de uma maneira geral, sofreram, desde o século XV em diante, uma transformação que forçou os seus membros a uma lenta e crescente regularidade de conduta e de sensibilidade¹⁰.

Os autores acreditam que a investigação do desenvolvimento das normas e das regras pode contribuir para um entendimento mais profundo da sociedade daquela época,

⁷ Franco Júnior, *Op. cit.*, p. 20-30.

⁸ Reis, Heloisa Helena Baldy. *Futebol e violência*. Campinas. Editora Armazém do livro. P.5-13. 2006.

⁹ Reis, *Op. Cit.*, p. 7.

¹⁰ Elias, Norbert; Dunning, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Memória e Sociedade, p. 225, 1992.

compreendendo que o avanço dos esportes, especialmente o futebol, representou uma mudança no código de conduta e na sensibilidade, algo que a sociedade já estava necessitando. Essa dinâmica está muito pautada por meio do controle das tensões dos indivíduos na sociedade. Segundo os autores, o adulto na sociedade moderna não poderia demonstrar suas emoções em público, as quais deveriam ser controladas:

Explosões incontroladas ou incontroláveis de forte excitação colectiva tornaram-se menos frequentes. Os indivíduos que agem de forma bastante excitada, sujeitam-se a serem conduzidos a um hospital ou à prisão. A organização social do controle da excitação individual, no sentido de conter excitações apaixonadas em público, e até em privado, tornou-se mais forte e mais efectiva¹¹.

Para Elias, a civilização não é um estado fixo, mas um processo contínuo de transformação das normas de conduta, emoções e comportamentos humanos. Esse processo está profundamente relacionado ao monopólio da violência física legítima pelo Estado, conforme analisado por Max Weber. Elias sugere que, à medida que as sociedades se tornam mais complexas, os indivíduos passam a internalizar regras de conduta que inibem expressões de violência direta.

O controle da violência, nesse contexto, é mediado por dois fatores principais: a estruturação do poder político e a interdependência social crescente. Com o fortalecimento dos Estados, especialmente na Europa pós-medieval, a imposição de leis e a administração da justiça substituíram os métodos de vingança pessoal e conflitos armados diretos. Por outro lado, a crescente interdependência entre as pessoas – em razão da especialização do trabalho, do comércio e da vida urbana – exigiu comportamentos mais previsíveis e cooperativos. Entende-se que a sociedade necessitava de algo para externar suas emoções, Elias pontua que:

Os governantes desse grande e pesado setor agrário do mundo medieval, os cavaleiros, dificilmente seriam controlados em sua conduta e paixões por cadeias monetárias. Deles, a maior parte conhecia o único fido de sustento – e, portanto, uma única dependência direta: a espada. (...) O mesmo se aplicava a suas paixões. Eram selvagens, cruéis, inclinados a explosões de violência e, de igual modo, abandonavam-se a alegria do momento. Podiam fazer isso. Pouco havia na situação em que viviam os e impelisse a adotar moderação em seus atos¹².

Elias aponta que o processo civilizador está associado à internalização de normas de autocontrole emocional. A violência, que era uma forma comum de resolução de conflitos na Idade Média, passou a ser vista como indesejável e imprópria em contextos sociais civilizados. Esse autocontrole foi incentivado por mecanismos como a educação, a etiqueta e o policiamento dos comportamentos em espaços públicos.

¹¹ Elias, Dunning, *Op. Cit.* p. 101-102.

¹² Elias, Dunning, *Op. Cit.* p. 70.

No entanto, o autor não sugere que a violência tenha desaparecido. Ele argumenta que o processo civilizador reorganiza a violência, transferindo-a do plano individual para o coletivo, muitas vezes sob a forma de guerras ou repressão estatal. A violência é, portanto, contida em certas esferas e transformada em um instrumento do poder organizado. Desta forma, são precisamente esses atos de violência que permitiam à sociedade exteriorizar suas emoções. A violência, para ele, é um dos principais temas em suas pesquisas sobre o processo civilizador:

Os temores despertados nessa estrutura de tensões sociais ainda podiam ser liberados fácil e frequentemente pelo apoio militar e pela força física direta. Com a gradual consolidação dos monopólios de poder e a crescente interdependência funcional entre nobreza e burguesia, tudo isso mudou. As tensões se abrandaram. Só em raras ocasiões eram resolvidas pela violência¹³.

Embora o processo civilizador promova a redução da violência direta nas interações cotidianas, Elias reconhece que ele não é linear ou uniforme. As crises sociais, políticas e econômicas podem levar à "descivilização", caracterizada pela ruptura dos mecanismos de controle social e pelo retorno de formas mais explícitas de violência. Exemplos históricos, como as guerras mundiais e os genocídios do século XX, ilustram como a civilização pode ser frágil diante de condições extremas.

Assim, podemos compreender que a constituição dessa estrutura social pautada em normas e o controle da violência nas mãos do Estado, contribuiu para o fortalecimento da expansão do futebol, uma vez que o esporte possibilitava diversas maneiras de expressar emoções que não estavam de acordo com as normas daquele período. Esse sucesso do futebol teve como base sua profissionalização na Inglaterra, que ocorreu em 1885, contribuindo significativamente para o aumento do interesse da população. Esse período contou com o impulso dos desempregados, que, tendo tempo ocioso, puderam dedicar-se ao novo esporte no país¹⁴.

Carlos Alberto Máximo Pimenta em seu livro *Violência entre torcidas organizadas de futebol: Violência e Auto-afirmação* (1997), vai discutir como essa aplicação de regras também criava uma ilusão de igualdade, indo além do esporte e se estendendo às grandes massas populares. Naquela época, o futebol era praticado principalmente pela elite, sobrevivendo por meio das universidades do país. Com o avanço nas regras e na organização do esporte, ele começou a se expandir e ganhar força entre as massas, especialmente entre os operários:

O fim da sociedade feudal, abrindo espaço à civilização capitalista, fez surgir profundas transformações na economia, na política, na cultura e, principalmente, nas estruturas da sociedade. A institucionalização de uma nova estrutura significou muito

¹³ Elias, Dunning, *Op. Cit.* p. 70.

¹⁴ Reis, *Op. Cit.* P. 5-13.

mais do que uma mudança no modo de produção. Trouxe consigo também uma desenfreada aceleração de concentração da massa humana nos centros urbanos e uma busca pelas benesses materiais trazidas pela industrialização¹⁵.

Consequentemente, o número de operários nos centros urbanos era bastante significativo, o que não demorou para que times formados por eles começassem a surgir, desafiando o futebol burguês existente e sua natureza amadora. As indústrias perceberam um mercado em desenvolvimento e aumentaram os investimentos nesse setor. Registra-se o surgimento do primeiro time de futebol organizado da história, o Sheffield. Logo em seguida, outros times surgiram, incluindo o Arsenal, o Manchester United e o West Ham, compostos por trabalhadores de diferentes setores, como a indústria armamentista, ferroviária e siderúrgica¹⁶. Todos esses times ainda estão presentes no futebol atual.

O futebol logo se expandiu para outros países ao redor do mundo, impulsionado tanto pelos ingleses que viajavam para outras nações quanto pelas próprias indústrias que promoviam o esporte. Não passou muito tempo até que os jogos se transformassem em uma das principais formas de lazer no Ocidente. A venda de ingressos veio logo após a profissionalização, transformando o futebol em um espetáculo e uma mercadoria.

Neste contexto, o Brasil passava por transformações sociais decorrentes das mudanças globais. No final do século XIX, o país estava absorvendo influências e costumes vindos do continente europeu, como a estreita relação entre o Rio de Janeiro e a capital francesa, Paris. Essa conexão durante o período intitulado como *Belle Époque* resultou na presença significativa de estrangeiros na capital, consolidando ainda mais esses hábitos trazidos de outros continentes¹⁷. Essa relação com os países estrangeiros desempenhou um papel fundamental na introdução do futebol na nação. Carlos Alberto Máximo Pimenta discute em sua obra sobre as diferentes teorias e atribuições acerca do surgimento do futebol no país:

O futebol, neste contexto histórico de grandes transformações, recebe características próprias e universais, gerenciadas por lógicas racionais, regras e códigos, de modo que sua introdução em territórios fronteiriços ou nas demais sociedades se fez, na maioria das vezes, por expatriados ingleses e até por intermédio de fábricas de administração britânica. O esporte bretão entra na cultura brasileira através de um filho de britânicos – Charles Miller – que estudou na Europa e trouxe o jogo para o Brasil e, em terra fértil, proliferou entre as massas populares¹⁸.

¹⁵ Pimenta, *Op. Cit.* p.38.

¹⁶ Franco Júnior, *Op. Cit.*, p. 20-30.

¹⁷ Novais, Fernando Antonio; MELLO, João Manuel Cardoso de. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. In: _____. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁸ Pimenta, *Op. Cit.* p. 39.

A versão mais conhecida é que o futebol chegou ao Brasil através de Charles Miller¹⁹, um jovem descendente de ingleses que recebeu sua educação na Banister Court School, em Southampton, na Inglaterra. De acordo com relatos, foi durante seus estudos na Inglaterra que Miller teve seu primeiro contato com o esporte, e ao retornar ao Brasil em 1894, trouxe consigo um livro contendo as regras vigentes naquela época, além de duas bolas de futebol²⁰.

Assim como na Inglaterra, o futebol no Brasil teve seu início direcionado para as elites, especialmente a elite paulistana, onde Charles Miller estava presente. De acordo com relatos, a possível primeira partida oficial de futebol no país ocorreu em São Paulo, envolvendo o São Paulo Athletic Club e a São Paulo Railway Company²¹. O jogo foi realizado em 14 de abril de 1895, com um placar final de 4 a 2 a favor da Railway Company, liderada pelo próprio Charles Miller. No entanto, existem evidências que apontam que a primeira partida de futebol ocorreu em 1893 notificado no primeiro livro de Atas do Colégio Metodista Granbery, de Juiz de Fora, no qual menciona que o futebol foi introduzido no colégio nesse período²².

A partir desses marcos, o futebol começou a ganhar cada vez mais popularidade entre os jovens da elite brasileira, e novas associações e clubes foram surgindo. Franco Júnior menciona o surgimento da Associação Atlética Mackenzie em 1898 como um exemplo dessas iniciativas. O esporte continuou a se expandir principalmente entre as classes sociais mais altas, devido aos altos custos dos equipamentos e à crença de que o esporte moderno deveria ser praticado apenas por pessoas de mesma condição social e racial. Hilário Franco Júnior aborda como esse conflito entre a elite e uma sociedade marcada por grande desigualdade social se tornou um tema recorrente nos debates da época:

Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da construção da identidade nacional²³.

Entretanto, mesmo com todas as limitações, o futebol começou a se popularizar ainda mais no país, principalmente entre as camadas populares. Eric Hobsbawm aponta como isso se tornou possível, graças ao imaginário de que qualquer pessoa poderia jogar e praticar esse

¹⁹ Charles Willian Miller nasceu em 24 de novembro de 1874, em São Paulo e morreu no dia 30 de junho de 1953. Ficou atribuído como o introdutor do futebol no Brasil em 1894.

²⁰ Franco Júnior, *Op. Cit.*, p. 20-40.

²¹ Em 1895 foi disputada a primeira partida de futebol oficial no Brasil < https://www.camara.leg.br/radio/programas/431278-em-1895-foi-disputada-a-primeira-partida-de-futebol-oficial-no-brasil/?utm_source=chatgpt.com > visto por último 10/01/2025.

²² “Granbery através dos tempos” - 134 anos de tradição < <http://colegio.granbery.edu.br/noticias/granbery-atraves-dos-tempos-134-anos-de-tradicao> > visto por último 10/01/2025.

²³ Franco Júnior, *Op. Cit.*, p. 61.

esporte: "Esse jogo simples e elegante, que não é prejudicado por regras complexas e equipamentos caros, pode ser jogado em qualquer lugar e conquistou o mundo por seus próprios méritos"²⁴. No entanto, essa realidade era diferente quando falamos em nível de competição.

A dificuldade de ingresso dos jogadores negros no futebol durante as primeiras décadas do esporte no Brasil reflete o contexto de exclusão social e racial predominante no país. Mário Filho²⁵, em sua obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, descreve com profundidade como o futebol tornou-se um espaço de reprodução das hierarquias raciais da época, muitas vezes reforçando a superioridade branca e relegando jogadores negros e mestiços a posições marginais.

Um caso emblemático é o de Carlos Alberto, jogador do Fluminense, que, para ser aceito no time predominantemente branco, utilizava pó-de-arroz no rosto, um gesto simbólico e carregado de contradições, que ilustra as estratégias de adaptação impostas a atletas negros. Esse artifício não era apenas uma tentativa de camuflar a cor da pele, mas também de transitar em um ambiente marcado pela segregação implícita. O uso do pó-de-arroz acabou se transformando em um símbolo e foi, posteriormente, ironizado por torcidas rivais, consolidando a expressão em um canto de provocação no cenário futebolístico.

Conforme Mário Filho argumenta, o futebol era mais do que um esporte; ele reproduzia e evidenciava a estrutura social vigente. As ligas e clubes controlados pelas elites brancas impunham barreiras explícitas e implícitas aos jogadores negros. Para os atletas que conseguiam transpor essas barreiras, como o icônico Friedenreich, considerado um dos primeiros grandes craques do Brasil, restava a tarefa de "provar" sua habilidade para conquistar aceitação em um ambiente hostil e preconceituoso²⁶.

Além disso, a presença dos negros no futebol contribuiu para transformá-lo em um espaço de resistência e ascensão social. Segundo Filho, com o tempo, a performance extraordinária dos jogadores negros, sua criatividade em campo e a habilidade de improvisar abriram espaço para a quebra gradual dessas barreiras. Contudo, essa conquista foi longe de pacífica; ela ocorreu em meio a tensões e desafios constantes, tanto dentro quanto fora do campo, refletindo um processo de democratização racial que ainda estava longe de se concretizar plenamente na sociedade brasileira²⁷.

²⁴ Hobsbawm, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P. 70.

²⁵ Mário Leite Rodrigues Filho é considerado um dos maiores jornalistas esportivos que o Brasil já teve. Ele foi o principal idealizador do projeto de criação do Maracanã, que recebeu seu nome como homenagem.

²⁶ Rodrigues Filho, Mario. *O negro no football brasileiro*. Irmãos Pongetti Editores: Rio de Janeiro, 1947, p. 293.

²⁷ Tonet, Vinicius Garzón. *Mario Rodrigues Filho: democracia racial, violência e futebol (1919–1955)*. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020, p. 140-205.

Esse processo histórico também ilustra como o futebol desempenhou um papel crucial na construção de uma identidade nacional mestiça, incorporando os valores culturais e a expressividade do povo brasileiro, apesar das adversidades. Dessa forma, podemos observar que o futebol estava diretamente ligado à sociedade da época, e essa situação de exclusão pode ser exemplificada por meio do esporte. Mário Filho aborda esse tema em sua obra:

O futebol não alterava a ordem das coisas. Pelo contrário. Onde se poderia encontrar melhor demonstração de que tudo era como devia ser? O branco superior ao preto. Os ídolos do futebol, todos brancos. Quando muito, morenos. E quando um branco que devia jogar estava fora, doente ou coisa que o valha. Então o preto podia jogar. Como Monteiro, do Andaraí, trocando de posição, tapando buraco. Cada lugar no escrete tinha um dono: branco de boa família. A superioridade de raça, da raça branca sobre a raça preta, a superioridade de classe, da classe alta sobre a classe média, da classe média sobre a classe baixa. A baixa lá em baixo, a alta lá em cima, vencendo, tirando campeonatos²⁸.

Apesar disso, e apesar de todos os aspectos mencionados, o futebol ainda tem o poder de oferecer às classes a sensação de vitória, simbolicamente abordando algumas disparidades econômicas e desafiando certas hierarquias às quais estão sujeitas. Roberto DaMatta aborda sobre:

Nesse sentido profundo, portanto, o futebol nos dá uma potente lição de democracia, pois, vendo nosso time jogar, as leis têm de ser obedecidas por todos, são universais, são transparentes, e há um juiz que as representa no calor da disputa. Além disso fica assegurado que, diferentemente da experiência política corriqueira, as regras não podem ser mudadas nem por quem está perdendo nem por quem está ganhando. (...) No futebol, portanto, não há golpes²⁹.

O esporte continuava a expandir-se na sociedade brasileira. Como consequência, campos de futebol de várzea surgiram nas periferias dos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, onde times formados por trabalhadores improvisavam suas práticas esportivas. Esse movimento deu origem a diversos times na época, com a iniciativa de pequenos comerciantes e operários que se uniam para jogar em terrenos baldios ainda não afetados pelo processo de urbanização em andamento. Alguns times que surgiram nesse contexto foram o Sport Club Internacional em 1909 e o Sport Club Corinthians Paulista em 1910. Assim como os clubes da Inglaterra, esses times continuam presentes no futebol até os dias de hoje.

Franco Júnior ainda comenta sobre o fortalecimento dessa tendência e como esses clubes não paravam de buscar espaço nos campeonatos disputados pela elite. Até aquele momento, a principal liga em São Paulo era a Liga Paulista de Futebol (LPF). Em 1912, o Corinthians ingressou na liga, tornando-se o clube mais popular entre os times da várzea. Por

²⁸ Mario Filho. *Op. Cit.* p. 49.

²⁹ Damatta, Roberto; Neves, Luiz Felipe; Guedes, Simoni Lahud & Vogel, Arno. *O Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, p. 17, 1982.

outro lado, outras ações estavam em andamento, como a criação de uma nova associação composta pelos principais clubes da elite paulista, como o Mackenzie e a A.A. das Palmeiras, denominada Associação Paulista de Sports Athléticos (ASPA). Esses movimentos foram fundamentais para iniciar o caminho em direção ao profissionalismo que estava por vir³⁰.

A identificação das massas com os clubes começava a aumentar ainda mais, uma vez que os times formados nas várzeas avançavam cada vez mais nos campeonatos, desafiando os clubes tradicionais da elite. Essa identificação com os times refletia diretamente nos torcedores, que acompanhavam os jogos, lotavam os estádios e vislumbravam as possibilidades que o esporte poderia proporcionar. Por isso, o momento chave foi quando, em 1917, os clubes em São Paulo e no Rio de Janeiro começaram a cobrar ingressos. A partir desse momento, a perspectiva de remunerar os jogadores permitiu que aqueles provenientes das fábricas pudessem se dedicar exclusivamente ao esporte, sem precisar conciliar com o trabalho³¹.

Este trajeto histórico evidencia a capacidade do futebol de superar as diferenças sociais, estabelecendo-se como um elemento que une e promove igualdade na sociedade brasileira. A interação contínua entre o esporte e as dinâmicas sociais é evidenciada pela identificação das massas com os clubes, bem como pelo crescimento das torcidas organizadas. Portanto, é fundamental compreender a história do futebol para perceber seu papel na construção de identidades e manifestação coletiva de sentimentos, demonstrando seu impacto duradouro na cultura e sociedade.

O futebol, marcado por divergências entre a elite e os trabalhadores, foi ganhando força na sociedade. A identificação dos torcedores com o esporte e com os clubes em ascensão ampliava o número de espectadores, impulsionados principalmente pelos jornais e pelo rádio. Os estádios viviam lotados de torcedores apaixonados, o que gerava conflitos entre as torcidas e o surgimento de rivalidades entre os clubes³². Esses embates nas arquibancadas marcaram o início de um processo de organização mais estruturada entre os torcedores, que buscavam se identificar e se unir em torno de seus times.

Segundo Bernardo Borges Buarque de Hollanda, o termo “torcida” surge apenas na segunda década do século XX, mas foi nas décadas de 1940 e 1950 que as primeiras torcidas uniformizadas começaram a se destacar. Esses grupos, formados majoritariamente por jovens de classes médias, utilizavam roupas padronizadas, promoviam manifestações organizadas com

³⁰ Franco Júnior, *Op. Cit.*, p. 61.

³¹ Pimenta, *Op. Cit.* P.13-18.

³² Santos, Tarcyanie Cajueiro. Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004. 172 p.

instrumentos musicais e bandeiras, e assumiam um papel de liderança nas arquibancadas. As torcidas uniformizadas, como a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), desempenharam um papel fundamental ao criar práticas de apoio coletivo que se tornaram centrais na cultura do futebol³³.

A partir da década de 1960, com o aumento da popularidade do futebol e as mudanças estruturais no esporte, surgiram as torcidas organizadas. Um marco importante foi a fundação dos Gaviões da Fiel, em 1969, nas arquibancadas do Corinthians. Criada inicialmente como uma resposta à insatisfação com a gestão do clube, essa torcida trouxe um modelo inovador, combinando apoio incondicional ao time com uma postura crítica em relação à política interna do clube. De acordo com Canale (2020), os Gaviões da Fiel foram formados como uma associação formal com estatuto, liderança eleita e estratégias de mobilização que iam além do estádio, moldando a ideia de torcida organizada moderna³⁴.

Nas décadas de 1970 e 1980, o movimento das torcidas organizadas cresceu significativamente, com a fundação de grupos como a Mancha Verde, do Palmeiras, e a Torcida Jovem do Santos. Durante esse período, surgiu também a Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP), criada em 1976 como um esforço de unificação e cooperação entre os diferentes grupos de torcedores³⁵. No entanto, o aumento da violência entre torcidas e a repressão policial fragilizaram a associação, que deixou de atuar publicamente em 1982.

A trajetória das torcidas organizadas evidencia sua capacidade de criar espaços de pertencimento e contestação dentro do universo futebolístico. Como observa Giulianotti, esses grupos foram impactados pela crescente elitização do futebol, que, ao elevar os preços dos ingressos e remodelar os estádios, restringiu o acesso de parte das massas às arquibancadas. Mesmo assim, as torcidas organizadas permaneceram resilientes, adaptando-se às mudanças e reivindicando seu lugar na cultura do futebol³⁶.

³³ Hollanda, B. B. B. de; Canale, V. dos S. Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. e 0306, 2021. DOI:10.5965/2175180313342021e0306. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0306>> . Acesso em: 24 ago. 2023.

³⁴ Canale, Vitor. *Um movimento em muitas cores: O circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988. Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)*. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) — Fundação Getúlio Vargas, Escola de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2020, p. 34-37.

³⁵ Canale, Vitor. *Um movimento em muitas cores*, Op. Cit. p. 29.

³⁶ Giulianotti, R. *Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 108.

A transição do espectador ao torcedor no contexto esportivo brasileiro é um processo marcado por profundas transformações sociais e culturais. Inicialmente, o futebol emergiu como um espaço de disputa entre a elite e os trabalhadores, ambos encontrando no esporte uma forma de expressão e identificação. A popularização do futebol foi amplamente impulsionada pela mídia, especialmente pelos jornais e pelo rádio, que ampliaram o alcance do esporte e cativaram um número crescente de seguidores. Os estádios lotados de torcedores apaixonados ilustravam a crescente importância do futebol na sociedade, apesar dos conflitos e rivalidades que surgiram entre as torcidas. Em resumo, a transição do espectador ao torcedor no Brasil é um fenômeno complexo que envolve a interação entre práticas esportivas, transformações sociais e culturais, e a construção de identidades coletivas. A popularização do futebol e a consolidação das torcidas refletem a evolução de um público esportivo ativo e diversificado, que encontrou no esporte uma poderosa forma de expressão e de vivência comunitária. A partir desse cenário, podemos observar uma necessidade de organização por parte dos torcedores, tornando inevitável o surgimento das torcidas organizadas.

Desta forma, ao longo deste capítulo, ficou evidente como o futebol percorreu uma trajetória de transformação, desde seu surgimento como um esporte elitizado até sua consolidação como uma prática de massas, profundamente enraizada na cultura e identidade brasileira. Esse processo, impulsionado pelas mudanças sociais e econômicas do final do século XIX e início do século XX, foi marcado pela apropriação do esporte por diferentes grupos sociais, que encontraram no futebol um meio de expressão coletiva, identificação e resistência às estruturas hierárquicas da sociedade.

A popularização do futebol, inicialmente mediada pelos clubes e pela imprensa, promoveu o surgimento de uma cultura torcedora vibrante e diversificada. Nos estádios, a paixão pelo esporte se materializou em arquibancadas lotadas e no crescimento de movimentos organizados, como as torcidas uniformizadas e, posteriormente, as torcidas organizadas. Esses grupos não apenas expressaram o entusiasmo coletivo pelo futebol, mas também se tornaram agentes de resistência, contestação e manifestação social. A partir das periferias urbanas e das massas populares, as torcidas passaram a ocupar um papel central na relação entre os clubes e seus torcedores, simbolizando a democratização do espaço esportivo.

Contudo, com essa expansão e organização surgiram também dinâmicas de rivalidade e conflito que ultrapassaram os limites do campo. As torcidas organizadas, enquanto espaços de pertencimento e sociabilidade, também se tornaram palco de disputas territoriais, emocionais e identitárias, muitas vezes traduzidas em episódios de violência. Essas manifestações de conflito

refletem contradições presentes tanto na sociedade quanto no próprio futebol, que, embora celebre valores como união e igualdade, reproduz tensões sociais mais amplas.

É nesse ponto que o fenômeno das torcidas organizadas requer uma análise mais aprofundada. No próximo capítulo, será explorada a complexa relação entre paixão e violência no universo dessas torcidas, examinando como as rivalidades entre grupos e clubes se tornaram expressões de conflitos sociais, políticos e culturais. Esse estudo buscará compreender como as torcidas organizadas, enquanto agentes sociais, articulam suas identidades e ações, e como a violência emerge como um elemento estruturante dessas dinâmicas. Mais do que um problema isolado do futebol, a violência nas torcidas organizadas se revela como uma chave para interpretar aspectos mais amplos das relações sociais contemporâneas.

CAPÍTULO 2 – A DINÂMICA DAS TORCIDAS E A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL BRASILEIRO: EVOLUÇÃO, CONFLITOS E IMPACTOS

No primeiro capítulo, exploramos a trajetória histórica do futebol, desde sua origem na Inglaterra do século XIX, marcada por revoluções industriais e sociais, até sua consolidação como um fenômeno global e popular no Brasil. A padronização das regras pela Football Association em 1863 foi crucial para transformar o futebol em um esporte organizado, refletindo as demandas de uma sociedade em transição. No Brasil, o esporte, inicialmente restrito às elites, rapidamente se popularizou entre as massas, especialmente após a formação de clubes populares como o Corinthians e o Flamengo, que desafiaram a hegemonia dos times elitizados.

Essa contextualização histórica prepara o terreno para abordarmos como essas transformações no ato de torcer resultaram na organização dos torcedores e na formação de instituições dedicadas a apoiar seus times. Essas mudanças criaram um vínculo ainda mais forte entre os torcedores, o time e seus semelhantes. A ascensão do futebol e sua rápida popularização, facilitada pela acessibilidade do esporte, foram fatores cruciais nesse processo. Pretendemos discorrer sobre essas transformações entre gerações e explicar como os torcedores se organizam atualmente, explorando seus laços, cantos, escudos, uniformes e rivalidades.

No início da década de 20, o futebol já era o esporte mais popular no país, com estádios lotados e solidificando-se como um fenômeno de massas. Com a crescente presença do público, o torcedor torna-se um personagem importante na história do futebol brasileiro. O termo torcer começa a ser uma das expressões mais usadas no país:

Torcer, ser um torcedor ou uma torcedora e fazer parte de uma torcida. Esses termos passaram a ser largamente usados pela imprensa das grandes capitais, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, para dar significado ao ato de apoiar uma equipe de futebol de maneira efusiva, com cânticos e gritos (torcer), ao sujeito que pratica esse ato de maneira regular (torcedor ou torcedora) e ao grupo de pessoas que juntas praticam esse ato (torcida)³⁷.

Com o crescimento de torcedores e o aumento das massas em meio ao público futebolístico incomodava as elites, surgindo uma das primeiras tentativas de limitar a importância dos torcedores: uma fitinha no chapéu. Ela servia para separar os sócios dos demais torcedores comuns ali presentes. O objetivo era mostrar para a população que eles poderiam torcer para o clube, mas não seriam importantes ali³⁸. Essa busca pelo controle dos torcedores não seria fácil e junto com a presença dos torcedores, surgiu a necessidade da organização entre

³⁷ Holanda, *Op. Cit.* p. 54.

³⁸ Mario Filho. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

eles. Nesse momento, surge um novo modo de organização e de torcer, as torcidas uniformizadas. O objetivo era uma preparação melhor para os jogos, onde todos presentes nesse grupo pudessem ir até os jogos com uma roupa semelhante, um uniforme.³⁹

O objetivo principal das torcidas organizadas era de fortalecer essa identidade torcedora, além de criar espaços de sociabilidade entre eles. Toledo aborda sobre o primeiro relato de uma torcida organizada em São Paulo:

Em São Paulo, a primeira notícia que se tem sobre agrupamentos de torcedores organizados ou uniformizados data do fim dos anos 30 e começo dos anos 40. Em 1940, Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel fundam a Torcida Uniformizada do São Paulo, considerada por muitos a mais antiga do Brasil, inspirada e originada no Grêmio São-Paulino, fundado em 1939 por Manoel Raymundo Paes de Almeida⁴⁰.

No estado do Rio de Janeiro, o processo de organização das torcidas organizadas teve um marco inicial distinto, caracterizado pela fundação de uma charanga idealizada por Jaime Rodrigues de Carvalho, torcedor do Clube de Regatas do Flamengo. Denominada Charanga Rubro-Negra, essa iniciativa representou um movimento pioneiro no contexto das torcidas cariocas, sendo considerada uma das primeiras manifestações estruturadas de apoio coletivo ao futebol no estado. Sob a liderança de Carvalho, a charanga não apenas introduziu elementos de organização, como a padronização de uniformes, mas também estabeleceu uma dinâmica de animação coordenada durante as partidas, visando criar uma identidade coletiva entre os torcedores. Um dos propósitos centrais desse movimento era superar a intensidade e o fervor demonstrados pelas torcidas adversárias, consolidando, assim, uma presença marcante e unificada nos estádios. Esse fenômeno, além de refletir a crescente paixão pelo futebol, também ilustra a transformação do torcedor em um agente ativo no espetáculo esportivo, contribuindo para a construção de uma cultura torcedora que se tornaria cada vez mais complexa e significativa no cenário futebolístico brasileiro⁴¹.

No contexto da década de 1950, novas dinâmicas de rivalidade começaram a se consolidar no cenário futebolístico, com o crescimento acelerado das disputas entre torcidas. Um episódio emblemático desse período ocorreu em 1951, conhecido como o "Duelo de Torcidas". Este evento, que envolveu as torcidas do Flamengo e do Fluminense, transcendia o âmbito estritamente esportivo, uma vez que a competição não se limitava ao desempenho dos atletas em campo, mas também se estendia às arquibancadas, onde ambas as torcidas buscavam superar-se mutuamente em termos de animação e espetáculo, caracterizando-se como uma

³⁹ Toledo, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ Anpocs, 1996.

⁴⁰ Toledo, *Op. Cit.* p. 22.

⁴¹ Toledo, *Op. Cit.* p. 22.

verdadeira "batalha de confetes". O objetivo central desse fenômeno era fomentar a participação ativa do público, incentivando tanto os jogadores em campo quanto os torcedores nas arquibancadas, visando uma maior expressividade e engajamento coletivo⁴².

Essas manifestações representaram as primeiras formas de organização entre os torcedores, cujo propósito inicial restringia-se ao ato de torcer por seus respectivos clubes. Embora o termo "torcida organizada" já fosse mencionado em alguns registros históricos, é importante destacar que essa nomenclatura não correspondia ao conceito que viria a ser associado às Torcidas Organizadas (T.O.), tal como se consolidariam no final da década de 1960. Nesse sentido, é possível afirmar que as chamadas "torcidas uniformizadas" (T.U.) antecederam as torcidas organizadas, sendo que estas últimas surgiram justamente para transcender a ideia de mera uniformização, adotando uma estrutura mais complexa e institucionalizada. A principal diferença residia na organização interna dessas entidades, que passaram a contar com cargos definidos, conselhos, diretorias e uma postura mais ativa na cobrança de demandas junto aos clubes — aspectos ausentes nas formas anteriores de organização torcedora⁴³.

Dessa forma, é possível identificar uma série de transformações significativas no ato de torcer e em suas formas de organização ao longo do tempo. Contudo, a transição para o modelo das torcidas organizadas representa um marco fundamental nesse processo. Esse novo formato emergiu da necessidade de ampliar a participação dos torcedores no esporte mais popular do país, consolidando-se em um contexto histórico específico: o regime militar brasileiro. Esse período, marcado por tensões políticas e sociais, influenciou diretamente a estruturação e o papel das torcidas organizadas, que passaram a assumir uma identidade mais complexa e engajada, refletindo as dinâmicas da sociedade da época:

Esse modelo de assistência instituído e incrementado por estar torcidas uniformizadas perdurou até os anos 70, quando outra modalidade de participação, nitidamente mais popular e contendora, de uma certa perspectiva, ganhou significativos espaço e apelo entre torcedores das classes populares, (...) É relevante correlacionar o surgimento dessas instituições torcedoras num contexto mais amplo de valorização das instituições populares num período em que os direitos políticos e a cidadania estavam cerceados pelo então regime militar. Seguindo um modelo autoritário no que concerne ao gerenciamento do futebol, grupos torcedores mobilizam-se em torno de instituições mais alternativas de participação nas franjas do futebol profissional⁴⁴.

Esse modelo de assistência, instituído e ampliado pelas torcidas uniformizadas, persistiu até a década de 1970, quando uma nova modalidade de participação, mais popular e contestadora, ganhou espaço e apelo entre os torcedores das classes populares. Como destacado

⁴² Holanda, B. B. de; MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

⁴³ Holanda, *Op. Cit.* p. 112-114.

⁴⁴ Holanda, *Op. Cit.* p. 114.

na citação anterior, é fundamental correlacionar o surgimento dessas instituições torcedoras com o contexto histórico mais amplo de valorização de organizações populares em um período marcado pela restrição dos direitos políticos e da cidadania, imposta pelo regime militar. Nesse cenário autoritário, que também se refletia no gerenciamento do futebol, os torcedores encontraram nas torcidas organizadas uma forma alternativa de participação e mobilização, atuando nas margens do futebol profissional ⁴⁵.

Nesse contexto, o regime militar, que cerceava a cidadania e os direitos da população, paradoxalmente abriu espaço para que as torcidas organizadas se tornassem importantes locais de socialização e identificação coletiva. Foi nesse período que o número de torcidas organizadas começou a crescer exponencialmente, com o surgimento de algumas das maiores e mais emblemáticas torcidas do Brasil: a Gaviões da Fiel, do Corinthians, em 1969; a Torcida Jovem do Santos, também em 1969; a Torcida Tricolor Independente, do São Paulo Futebol Clube, em 1972; e a Mancha Verde, do Palmeiras, em 1983. Essas torcidas, que serão centrais ao longo desta pesquisa, representam um marco na transformação do papel dos torcedores no futebol brasileiro, consolidando-se como espaços de expressão e organização em um momento de repressão política⁴⁶.

As transformações no ato de torcer ao longo da história podem ser compreendidas como um processo que passa por diferentes fases, refletindo mudanças sociais, culturais e políticas. Inicialmente, predominou uma dinâmica de carnavalização, que se estendeu desde a década de 1930 até o início dos anos 1960. Esse período foi marcado por uma atmosfera festiva, com torcedores utilizando adereços, instrumentos musicais e cantos que remetiam ao carnaval, criando um ambiente de celebração coletiva nos estádios. No entanto, a partir dos anos 1960, ocorreu uma transição significativa: a expressão juvenil ganhou força, e o fenômeno das torcidas organizadas passou a incorporar elementos de militarização. Como aponta Pimenta (1997), essa mudança reflete a assimilação de uma ideologia e de padrões organizacionais inspirados em estruturas militares, com termos como "comando", "pelotões" e "batedores" sendo adotados para descrever a hierarquia interna desses grupos. Apesar dessa influência militar, as torcidas mantiveram aspectos da festividade carnavalesca, como o uso de alegorias, bandeiras e batucadas, que continuaram a animar as arquibancadas. Essa dualidade entre militarização e carnavalização é central para entender a evolução das torcidas organizadas, que,

⁴⁵ Hollanda, *Op. Cit.* p. 115.

⁴⁶ Hollanda, *Op. Cit.* p. 115.

embora estruturadas de forma quase paramilitar, ainda preservam o caráter lúdico e apaixonado do torcer⁴⁷.

Essa complexidade também se reflete no repertório musical das torcidas, que varia entre expressões de amor e devoção ao clube e cantos que exaltam a violência e a rivalidade. Um exemplo emblemático de como as cantigas expressam sentimentos de pertencimento e identidade é o hino do Clube Atlético Mineiro:

“Atlético...
gostamos muito de você
A alegria de viver...
quando te vemos a vencer...
entidade...
venerada por milhões...
contagiando multidões...
de gerações a gerações...
Sentimento...
de amor sincero ao alvinegro...
das alterosas sou mineiro...
minas gerais nosso TERREIRO.”⁴⁸

Este hino não apenas celebra as vitórias do clube, mas também reforça a identidade regional e a tradição passada de geração em geração. Refletindo um profundo vínculo emocional com o clube, conectando-se à cultura e à história local, e ilustra como as torcidas organizadas funcionam como espaços de socialização e construção de identidades coletivas.

No entanto, nem todas as cantigas das torcidas organizadas são pautadas por sentimentos positivos ou de celebração. Muitas delas abordam temas relacionados à violência, à rivalidade e até mesmo à morte, direcionando ataques a torcidas adversárias ou a instituições como a polícia. Um exemplo marcante dessa tendência é a música entoada pela torcida do Corinthians, os Gaviões da Fiel:

“Sou dos ‘Gaviões’...
eu sou ... eu sou ...
vou dar porrada
eu vou ... eu vou ...
e ninguém vai me segurar
nem a PM.”⁴⁹

⁴⁷ Pimenta, Carlos Alberto Máximo. *Violência entre torcidas organizadas de futebol: Violência e Autoafirmação*. São Paulo: Editora Vogal, p. 100, 1997.

⁴⁸ Música da Torcida Galoucura. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/galoucura/1215160/> Acesso em 24 ago. 2023.

⁴⁹ Pimenta, *Op. Cit.* p. 105.

O cântico revela uma postura de confronto e desafio, em que a torcida se coloca em oposição às autoridades e reafirma sua disposição para a violência. Da mesma forma, cantigas que promovem a hostilidade contra torcedores rivais, como a mencionada por Toledo, evidenciam uma mudança significativa no papel das torcidas organizadas:

“Rema, rema, rema, remador,
P... no c... do tricolor (São Paulo),
Tricolor não vem aqui,
Pau no cu do Guarani!
Se a Ponte (Ponte Preta) não ganhar,
Olê, olê, olá, o pau vai quebrar!”⁵⁰

Esses hinos e cantigas não apenas incentivam os jogadores, mas também intimidam os adversários e reafirmam o poder e a união do grupo. Eles refletem uma transformação no papel das torcidas organizadas, que deixaram de ser apenas grupos de apoio aos times e passaram a atuar como verdadeiros exércitos simbólicos, utilizando as cantigas como armas de guerra psicológica. Essa evolução das cantigas reflete uma transformação mais ampla no ato de torcer, que está diretamente ligada ao contexto histórico e social em que as torcidas se desenvolveram. Durante o regime militar, por exemplo, a organização e a mobilização coletiva assumiram novas formas e significados, e as torcidas organizadas passaram a funcionar como espaços alternativos de participação e expressão. Os gritos de guerra e as canções agressivas são uma demonstração de força e uma forma de marcar território, tanto dentro quanto fora dos estádios. Consequentemente, os novos grupos de torcedores estão se distanciando cada vez mais do modelo tradicional de torcida, moldando uma abordagem inovadora — e por vezes conflituosas — em relação ao ato de torcer⁵¹.

Toledo aponta o relato de Noêmia, torcedora do São Paulo Futebol Clube e sócia da Torcida Tricolor Independente desde 1990, oferece um vislumbre valioso sobre as transformações no fenômeno das torcidas organizadas ao longo do tempo ilustrando de forma direta essa nova perspectiva e como ela está se afastando cada vez mais das práticas dos antigos torcedores:

(...) A nossa torcida era assim, do Laudo Natel. Só que naquele tempo a torcida tinha que ser uniformizada. Era um tênis branco, uma camisa branca ou aquela listada. Todo dia 25 de janeiro tinha festa no Morumbi. Tinha uma bandeira que cobria o estádio inteirinho. (...) Pra lotar dois ônibus era difícil, agora não, lota 20, 30 ônibus... Agora

⁵⁰ Toledo, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996. p. 64.

⁵¹ Pimenta, *Op. Cit.* P.105-110.

essa menina vai mais pra fazer folia...(...) (Noêmia, 63 anos, pensionista, torcedora do São Paulo Futebol Clube, sócia da Tricolor Independe desde 1990⁵²).

Esse depoimento demonstra não apenas a evolução quantitativa das torcidas, mas também uma mudança qualitativa no perfil e no comportamento dos torcedores, oferece um vislumbre do ingresso dos jovens nas torcidas organizadas. A diferença dos antigos torcedores para os novos vai muito além do simples ato de torcer, os novos torcedores organizados criam laços e se envolvem intensamente.

Para esses jovens, as torcidas organizadas representam muito mais do que simplesmente torcer por um clube; elas se configuram como um ambiente de igualdade e respeito, algo que muitas vezes não encontram em suas vidas cotidianas, marcadas por relações hierárquicas e desigualdades sociais. A identificação com um símbolo, como o escudo de um time, incute nesses jovens a sensação de pertencimento a algo maior, conferindo-lhes uma identidade coletiva que os tira do anonimato e os insere em um grupo coeso e reconhecido. Esse sentimento de pertença é fundamental para compreender o engajamento intenso dos jovens nas torcidas organizadas, que vão além do apoio ao time e se estendem para a construção de laços sociais e afetivos.

Os pontos de sociabilidade desses jovens não se limitam aos estádios ou aos dias de jogos. As sedes das torcidas organizadas desempenham um papel central na consolidação desses laços, funcionando como espaços de encontro, troca e solidariedade. Nessas sedes, os torcedores têm a oportunidade de se reunir regularmente, trocar informações sobre atividades variadas — como festas, jogos de várzea, futebol de salão, excursões e até discussões sobre política e vida cotidiana — e manter-se atualizados sobre o desempenho dos times. Esses locais são descritos como espaços dinâmicos de pertencimento, onde os torcedores fortalecem seus laços e reafirmam sua identidade perante os outros grupos. Esse sentimento de pertencer a algo maior, de defender um símbolo, é o que distingue os torcedores organizados dos chamados torcedores “comuns”, que, embora apoiem o time, não participam de uma estrutura institucionalizada⁵³.

Desta maneira, é possível categorizar os torcedores em dois grupos: os não organizados e os organizados. Os primeiros são caracterizados por uma postura mais familiar e descontraída, valorizando o aspecto carnavalesco das torcidas e sem grandes cobranças às instituições do clube. Já os torcedores organizados possuem um senso de pertencimento mais profundo, uma estrutura burocrática interna e uma identificação visual marcante, que transcende diferenças de

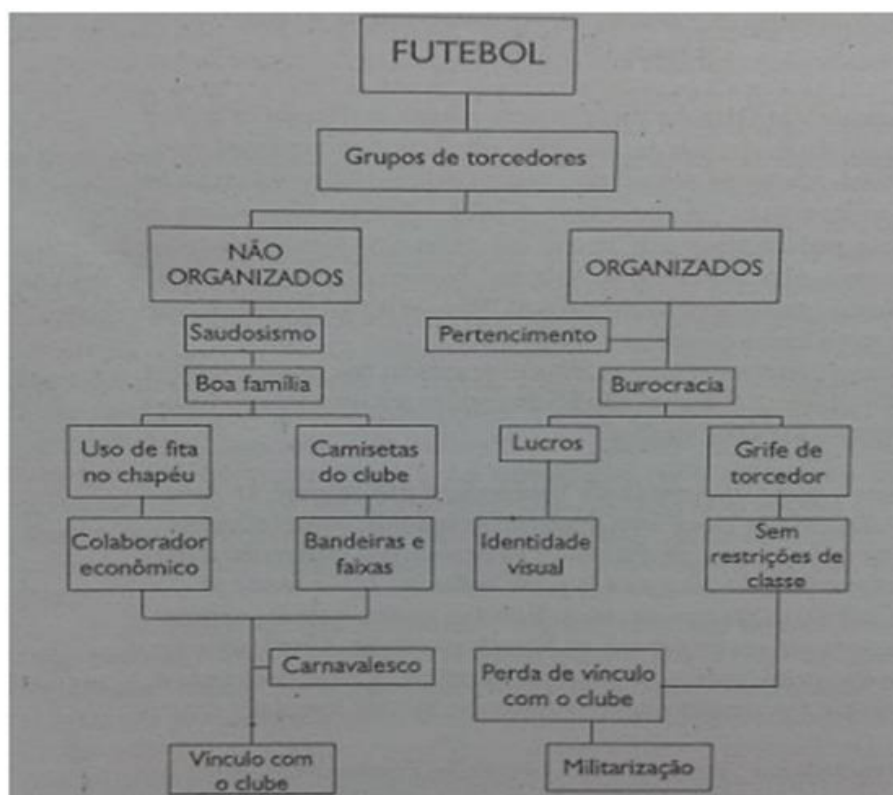
⁵² Toledo, *Op. Cit.*, p. 22.

⁵³ Toledo, *Op. Cit.* p. 51.

classe social. Esses grupos são conhecidos por suas cobranças mais intensas aos clubes e por uma postura que, em muitos casos, aproxima-se da militarização. Essa distinção é crucial para compreender as dinâmicas internas das torcidas organizadas e sua relação com o futebol e a sociedade.

Uma das características mais proeminentes das torcidas organizadas é a construção de uma identidade visual, que serve como elemento unificador e de reconhecimento. Os símbolos, uniformes e cores defendidos por cada torcida representam laços fundamentais para seus membros, sendo a camisa o elemento visual mais notável. A escolha desses uniformes é diversificada, com cada organização criando seu próprio escudo, muitas vezes inspirado em animais, personagens de animação ou entidades fantásticas, como dragões ou serpentes. A localização geográfica também influencia essas escolhas, refletindo a cultura e as particularidades regionais. Esses elementos visuais não apenas diferenciam as torcidas entre si, mas também reforçam a identidade coletiva de seus membros, adaptando-se às circunstâncias e aos valores de cada grupo⁵⁴.

Para entendermos melhor essa dinâmica, podemos observar o diagrama apresentado na Figura 1, nele é possível visualizar as principais distinções entre os tipos de torcedores e suas características específicas:



⁵⁴ Toledo, *Op. Cit.* P. 57-58.

Figura 1- Representação dos torcedores organizados de um time Fonte: Pimenta (1997, p. 70)

A figura ilustra a organização dos grupos de torcedores de futebol, dividindo-os em duas categorias centrais: os torcedores não organizados e os torcedores organizados. Os torcedores não organizados são frequentemente associados a um perfil saudosista e à ideia de "boa família". Eles se caracterizam pelo uso de elementos simbólicos, como camisas do clube, fitas em chapéus, bandeiras e faixas, que reforçam sua identificação com o time. Além disso, mantêm um vínculo mais próximo com o clube, e alguns desses torcedores estão integrados a grupos carnavalescos, o que evidencia uma conexão entre o futebol e outras manifestações culturais. Essa categoria de torcedores tende a valorizar o aspecto lúdico e festivo do futebol, sem se engajar em estruturas formais de organização.

Por outro lado, os torcedores organizados distinguem-se pelo forte sentimento de pertencimento e por uma estrutura burocrática mais formalizada. Esses grupos são marcados pela adoção de uma identidade visual própria, que inclui uniformes e símbolos específicos, e pela busca de lucros por meio de atividades relacionadas à torcida. No entanto, essa formalização pode levar a um distanciamento do vínculo direto com o clube, resultando em práticas que muitas vezes assumem um caráter militarizado. Um aspecto relevante entre os torcedores organizados é a chamada "grife de torcedor", que se refere ao uso de roupas e acessórios que simbolizam a pertença ao grupo. Diferentemente dos torcedores não organizados, esses grupos não possuem restrições de classe, congregando indivíduos de diferentes origens sociais em torno de uma identidade comum.

É nesse contexto que os torcedores organizados se destacam, utilizando as camisas e outros elementos visuais não apenas como meio de identificação interna, mas também como ferramentas de intimidação perante adversários e aqueles que não fazem parte desse universo. Ao adotar uma estética e uma postura que rompem com os padrões sociais estabelecidos, esses torcedores buscam criar um efeito impactante e intimidante, reafirmando sua presença tanto dentro quanto fora dos estádios. Essa estratégia de afirmação e diferenciação é central para compreender a dinâmica das torcidas organizadas e seu papel no cenário do futebol contemporâneo.

A importância dos símbolos para os torcedores organizados é um aspecto central que evidencia seu papel na construção de identidade e pertencimento. Esses símbolos, especialmente os uniformes, funcionam como elementos que conferem aos indivíduos a sensação de integração ao grupo, atendendo a uma necessidade de identificação coletiva que muitos buscam. Ao vestir a camisa da torcida, o torcedor não apenas demonstra apoio ao clube,

mas também assume publicamente sua filiação a uma Torcida Organizada (T.O.). Nos dias de jogos, o uso desses uniformes torna-se ainda mais significativo, servindo como um marcador de distinção em relação aos demais torcedores, conforme mencionado anteriormente. É nesses momentos que a presença dos uniformes reforça o compromisso dos membros com o grupo, enquanto sua ausência pode resultar em sanções internas, evidenciando a rigidez das normas que regem essas organizações⁵⁵.

A fotografia abaixo ilustra a dinâmica dos dias de jogos, destacando a torcida organizada Fiel Força Tricolor, do Botafogo de Ribeirão Preto. Nela, observa-se a presença dos torcedores jovens, na sua maioria homens, uniformizados e organizados, portando bandeiras, faixas e outros elementos simbólicos que representam tanto o clube quanto a própria torcida. Esses itens não apenas reforçam a identidade visual do grupo, mas também evidenciam o engajamento e a coesão dos membros, que se mobilizam coletivamente para demonstrar apoio ao time e fortalecer o sentimento de pertencimento.



Figura 2- Torcida organizada da Fiel Força Tricolor, Botafogo de Ribeirão Preto. Fonte: Acervo pessoal.

É fundamental abordar de maneira específica os dias de jogos, pois são nesses momentos que toda a estrutura da cidade e das áreas circundantes ao estádio passa por transformações significativas. Nos dias que antecedem os chamados clássicos — partidas que envolvem os grandes times da capital, como Corinthians, São Paulo, Palmeiras, Santos e Atlético-MG —, as regras cotidianas que organizam o ritmo da cidade são alteradas. Nessas ocasiões, observa-se a

⁵⁵ Toledo, *Op. Cit.* p.55-56

exposição de cores vibrantes e contrastantes, símbolos e marcas dos clubes, além de rostos pintados com as cores alusivas às equipes. Cantos e gritos de guerra ecoam pelas ruas, bares, ônibus e estações de metrô, enquanto ânimos exaltados e o consumo de bebidas alcoólicas contribuem para a instauração de uma nova ordem social, distinta da rotina habitual⁵⁶.

Essa descrição permite compreender como esses dias transformam profundamente a dinâmica urbana, criando uma rotina e uma estrutura completamente diferentes do cotidiano. Os espaços públicos são ocupados por uma massa torcedora que se mistura com aqueles que não fazem parte desse universo, gerando uma sensação de insegurança entre esses indivíduos. Esse sentimento é amplificado pelo comportamento dos torcedores, especialmente dos organizados, cuja presença em grande número intensifica a percepção de violência e inquietação. A quebra das normas sociais convencionais, característica desses dias, reforça a intimidação que muitos torcedores organizados buscam exercer. No entanto, essa sensação de caos e desordem é percebida principalmente por aqueles que estão fora do mundo do futebol. Para os torcedores, especialmente os que integram as torcidas organizadas, esses dias representam o ápice de sua satisfação e engajamento, consolidando-se como momentos de celebração e afirmação de identidade coletiva.

Na figura abaixo, observa-se um grupo de torcedores da Fiel Força Tricolor exibindo suas bandeiras durante o jogo entre Botafogo de Ribeirão Preto e Comercial de Ribeirão Preto. As bandeiras, que apresentam as cores do clube (branco, vermelho e preto), além de símbolos, o nome da torcida e do time, desempenham um papel central na criação de uma atmosfera de competição e apoio ao Botafogo. Esses elementos visuais não apenas reforçam a identidade coletiva dos torcedores, mas também contribuem para a construção de um ambiente carregado de emoção e engajamento, característico dos eventos esportivos.

⁵⁶ Toledo, *Op. Cit.* P. 39.



Figura 3- Disposição de faixas e bandeiras em um estádio durante uma partida entre Botafogo de Ribeirão Preto x Comercial de Ribeirão Preto. 08/03/2014. Fonte: Acervo Pessoal.

Os dias de jogos modificam os ambientes e seus frequentadores, são exatamente nesses momentos que se evidencia o equipamento dos torcedores. Os apoiadores comuns desfilam usando os trajes de sua equipe, enquanto os membros das torcidas organizadas ostentam bandeiras, faixas e camisetas com seus símbolos distintivos. Esse fenômeno é abordado por Toledo em seu estudo:

As bandeiras são expostas, na maioria das vezes, nos estádios. A representação estética do grupo através das bandeiras adquire uma outra amplitude. Enquanto as camisetas tornam-se mais visíveis nas ruas e trajetos por onde os torcedores passam, revelando uma identificação mais face a face, por outro lado, as bandeiras são mais notadas que as camisetas a partir das arquibancadas. (...) As faixas também são marcas de diferenciação das Torcidas Organizadas. Nas faixas geralmente vem o nome por extenso dos grupos: GAVIÕES DA FIEL (...)⁵⁷.

Os símbolos desempenham um papel central no apoio às equipes esportivas, sendo elementos fundamentais na construção da identidade das torcidas organizadas. Entre esses símbolos, as faixas possuem uma função dupla: além de demarcarem visualmente os espaços ocupados pelos torcedores nos estádios, também servem como meio de expressão de apoio ou descontentamento em relação à equipe e sua diretoria. A posse e a exibição desses itens assumem um caráter estratégico, uma vez que seu confisco, especialmente por grupos rivais, é interpretado como um ato de humilhação e perda de prestígio dentro do universo das torcidas. Nesse sentido, a apropriação indevida desses objetos por adversários não apenas reforça rivalidades, mas também pode desencadear conflitos dentro e fora dos estádios. Diante disso, os grupos organizados adotam medidas preventivas, evitando a exibição desses símbolos em locais públicos e restringindo seu uso a contextos controlados, nos quais possam garantir sua segurança.

⁵⁷ Toledo, *Op. Cit.* p. 58-59.

A disputa por esses elementos e a rivalidade entre torcidas muitas vezes extrapolam o ambiente esportivo, gerando confrontos físicos entre os envolvidos. Em dias de jogos, essas tensões se tornam ainda mais evidentes, sobretudo quando torcedores de diferentes equipes compartilham os mesmos trajetos até os estádios. Para mitigar esses episódios de violência, as autoridades de segurança implementam medidas preventivas, que incluem o monitoramento de torcedores e a escolta policial de caravanas organizadas. Essas ações visam garantir que grupos rivais não compartilhem os mesmos espaços durante o deslocamento, reduzindo, assim, as chances de confrontos diretos.

Pimenta analisa essa dinâmica e destaca que o aumento da violência entre torcidas organizadas levou à adoção de medidas de segurança mais rigorosas, como a escolta policial às caravanas de torcedores, mesmo em partidas realizadas dentro das capitais. Essa prática tem como objetivo minimizar os riscos de conflitos no trajeto até os estádios, assegurando que os torcedores cheguem ao destino sem incidentes. O autor aponta que, com essa estratégia, a frequência dos confrontos foi reduzida, embora ainda ocorram episódios isolados de violência, demonstrando que o problema não foi completamente erradicado⁵⁸.

Dessa forma, observa-se que a relação entre os símbolos das torcidas e os episódios de violência transcende o aspecto meramente estético ou cultural, assumindo uma dimensão territorial e estratégica. A posse desses elementos reforça a identidade e o pertencimento dos torcedores, ao mesmo tempo em que pode se tornar um fator de acirramento das disputas entre grupos rivais. Assim, a mediação estatal por meio de intervenções policiais se apresenta como uma tentativa de minimizar os impactos dessas rivalidades no espaço público, ainda que sua eficácia dependa de um conjunto mais amplo de medidas voltadas à cultura do torcer e à promoção da convivência pacífica entre os adeptos do futebol.

A violência entre torcidas organizadas alcançou níveis alarmantes, tornando-se uma preocupação constante para autoridades e pesquisadores do fenômeno esportivo. A relação entre os episódios mais graves de agressões e a dinâmica de ingresso de novos membros revela transformações significativas na cultura do torcer, especialmente a partir da década de 1990. Durante esse período, houve um aumento expressivo no número de integrantes das torcidas organizadas, acompanhado de uma ampliação de sua influência tanto dentro dos estádios quanto no contexto social mais amplo. Esse crescimento não apenas consolidou tais grupos como agentes relevantes no cenário futebolístico, mas também intensificou os conflitos entre torcidas rivais, refletindo uma escalada da violência no período.

⁵⁸ Pimenta, *Op. Cit.* P. 101.

Dentre os inúmeros episódios de violência ocorridos no Brasil ao longo dos anos, a década de 1990 se destaca pela acentuação das rivalidades e pelo recrudescimento dos confrontos físicos entre torcidas organizadas. Toledo menciona que um dos casos emblemáticos dessa época ocorreu em setembro de 1992, quando um conflito entre torcedores do São Paulo F.C. e do Palmeiras, nas proximidades da sede da “Mancha Verde”, resultou na morte de um jovem torcedor, vítima de uma facada. Esse evento exemplifica como os embates entre torcidas ultrapassaram os limites das arquibancadas e passaram a ser travados também nos espaços urbanos, reforçando o caráter territorial dessas disputas⁵⁹.

A intensificação desses conflitos contribuiu para a consolidação de um sentimento de ódio entre torcidas adversárias, expresso por meio de cânticos, gritos de guerra e outras formas de provocação simbólica. Nesse cenário, emergiu uma preocupação crescente com a segurança do torcedor comum, que passou a ser visto como um potencial alvo da violência associada às torcidas organizadas. Como resposta, medidas repressivas e estratégias de controle foram implementadas para conter o avanço desses grupos. No entanto, paradoxalmente, essa repressão também fortaleceu a identidade das torcidas organizadas, que passaram a reafirmar sua presença nas arquibancadas e no espaço social por meio da exaltação da violência como um mecanismo de construção de respeito e pertencimento entre seus membros.

A cultura do torcer sofreu transformações significativas nesse período, com as torcidas organizadas adquirindo um protagonismo paradoxal. Se, por um lado, eram alvos de medidas repressivas voltadas ao controle da violência nos estádios, por outro, consolidavam-se como espaços de sociabilidade e reafirmação identitária para seus membros. Esse fenômeno evidencia que a dinâmica dessas torcidas não se restringe ao ambiente esportivo, mas se insere em um contexto social mais amplo, caracterizado por disputas simbólicas, territoriais e políticas. Assim, a violência entre torcedores organizados não pode ser analisada de forma isolada, mas sim como parte de um processo mais complexo de afirmação de pertencimento e rivalidade entre grupos.

Apesar do aumento da violência associada às torcidas organizadas, as medidas de prevenção adotadas até então mostravam-se ineficazes, tanto pela ausência de regulamentações específicas quanto pela falta de uma estrutura capaz de coibir os conflitos. Esse cenário começou a mudar após a ampla repercussão da chamada “Batalha Campal” do Pacaembu, ocorrida em 20 de agosto de 1995, durante a final da Supercopa de Futebol Júnior entre São

⁵⁹ Toledo, *Op. Cit.* P. 101.

Paulo FC e Palmeiras⁶⁰. O episódio, que envolveu invasões de campo, agressões generalizadas, causando muitos feridos e resultou na morte de um jovem torcedor. Esse caso emblemático, expôs a fragilidade do sistema de segurança nos estádios e impulsionou um debate mais amplo sobre a necessidade de controle da violência no futebol. A partir desse momento, muitas torcidas organizadas em São Paulo passaram a migrar para o carnaval, em parte devido às restrições impostas nos estádios e ao crescente enfrentamento com as autoridades⁶¹. Esse deslocamento evidencia como os grupos torcedores reconfiguram suas práticas e espaços de atuação em resposta às pressões sociais e institucionais.

⁶⁰ Vídeo intitulado “Jogo da Morte Final Supercopa SP de Juniors 1995 São Paulo vs Palmeiras” no qual apresenta as imagens desse conflito: <<https://www.youtube.com/watch?v=svilh7yG4Ww&t=8148s>> visto por último 11/02/2025.

⁶¹ Santos, Amanda Farias dos. Torcidas organizadas e sociabilidade juvenil no nordeste. 2009. 232 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

CAPÍTULO 3 – REAÇÕES E CONSEQUÊNCIAS: A AÇÃO DAS AUTORIDADES FRENTE A EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA MARCANTES NO FUTEBOL

A "Batalha Campal" do Pacaembu, ocorrida em 20 de agosto de 1995, durante a final da Supercopa de Futebol Júnior entre São Paulo FC e Palmeiras, é um dos episódios mais marcantes e trágicos da história do futebol brasileiro. Este evento, que resultou em centenas de feridos e uma morte, tornou-se um símbolo da violência associada ao esporte e das falhas estruturais na gestão da segurança nos estádios. A análise desse episódio revela não apenas as dinâmicas de conflito entre torcidas organizadas, mas também expõe as complexas relações entre futebol, sociedade e violência no contexto brasileiro.

A década de 1990, o futebol brasileiro passava por um período de transição, marcado pela crescente profissionalização do esporte e pela intensificação da rivalidade entre torcidas organizadas. A Supercopa de Futebol Júnior, organizada pela Federação Paulista de Futebol (FPF), reunia os principais clubes do estado de São Paulo, destacando-se como uma competição de grande prestígio entre as categorias de base. A final de 1995, disputada entre São Paulo FC e Palmeiras, dois times com uma rivalidade histórica e torcidas organizadas conhecidas por sua agressividade (Independente e Mancha Verde, respectivamente), ocorreu no estádio do Pacaembu, em São Paulo. O estádio passava por reformas, e os entulhos acabaram se tornando armas durante a batalha, evidenciando o despreparo da segurança no dia do jogo e do próprio Estado para lidar com o evento. O jogo, decidido na prorrogação com um gol do Palmeiras, foi o estopim para um dos mais violentos confrontos já registrados em um estádio de futebol no Brasil. A invasão de campo por parte de torcedores do Palmeiras, seguida de provocações aos torcedores do São Paulo, desencadeou uma briga generalizada que rapidamente se transformou em um conflito de grandes proporções. A falta de segurança adequada, com apenas 30 policiais presentes em um estádio com capacidade para mais de 30 mil pessoas, agravou a situação, permitindo que o confronto se estendesse por mais de uma hora.



Figura 4 - Os torcedores da Mancha Verde, do Palmeiras, e da Independente, do São Paulo FC, entram em confronto após partida válida pela final da II Supercopa de Juniores 1995. O Verdão venceu o jogo na prorrogação, por 1 a 0, e conquistou o título. 20/08

A imagem retrata um confronto intenso entre as duas torcidas, evidenciando tanto a paixão quanto a hostilidade que podem coexistir nos estádios de futebol. Torcedores utilizaram materiais de construção, como pedaços de madeira e pedras, como armas, enquanto a polícia tentava, sem sucesso, conter o conflito. O saldo foi trágico: 102 pessoas ficaram feridas, incluindo 22 policiais, e um jovem de 16 anos, Márcio Gasparin da Silva, torcedor do São Paulo, faleceu oito dias depois devido aos ferimentos na cabeça. Adalberto Benedito dos Santos, torcedor do Palmeiras, foi identificado como responsável pela morte de Márcio e condenado a 14 anos de prisão, embora tenha cumprido apenas quatro anos⁶².

A repercussão do evento do Pacaembu foi imediata e contundente, ocupando as manchetes dos principais jornais do país e gerando um amplo debate sobre a violência no futebol. Um exemplo emblemático é a cobertura do jornal *A Tribuna*, que em sua edição de 21 de agosto de 1995 dedicou espaço significativo ao episódio, destacando não apenas os fatos ocorridos, mas também as implicações sociais e políticas do confronto. A matéria, intitulada “Dia de Sangue no Pacaembu: Dezenas de feridos na decisão da final da Supercopa de Juniores”, trazia uma fotografia de Paulo Serdan, então presidente da Mancha Verde, ferido e com a camisa suja de sangue⁶³.

⁶² Publicação: Folha Vitória (2015). Link: <https://www.folhavitoria.com.br/esportes/noticia/08/2015/tragedia-do-pacaembu-que-chocou-o-brasil-em-1995-completa-20-anos-na-quinta-feira> visto por último 11/02/2025.

⁶³ Publicação: A tribuna (1995). Link: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_07&Pesq=brigas%20em%20est%c3%a1dio&pagfis=121369, visto por último 25/02/2025.



Figura 4- Jornal A Tribuna, manchete *Dia de sangue no Pacaembu*. Jornalista: *Sílvio Ricardo Ribeiro*. 21/08/1995. Fonte: Acervo da *HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA*.

A matéria aborda o episódio de violência ocorrido durante a final da Supercopa de Juniores entre São Paulo e Palmeiras, dois dos clubes mais tradicionais do futebol brasileiro. É relatado que o confronto começou antes da partida, com torcedores trocando agressões e lançando objetos. Dentro do estádio, o conflito se intensificou, resultando na destruição de placas publicitárias e invasão do campo. A Polícia Militar interveio, detendo cerca de 80 torcedores e prestando atendimento médico a pelo menos 22 pessoas. Entre os feridos estava Paulo Serdan, então presidente da Mancha Verde, o que evidencia o envolvimento direto de lideranças das torcidas na violência.

Destaca que a Polícia Militar atuou detendo torcedores e tentando conter a violência, mas a falta de uma estratégia preventiva é evidente. A resposta reativa reflete um modelo de segurança pública focado na repressão imediata, sem abordar as causas estruturais da violência. O texto também menciona que campanhas educativas não têm sido eficazes, sugerindo a necessidade de políticas públicas mais integradas, envolvendo educação, diálogo com as torcidas e ações de inclusão social.

O confronto relatado na matéria entre torcedores de São Paulo e Palmeiras, especialmente entre as torcidas organizadas Mancha Verde e Independente, exemplifica a construção de identidades coletivas baseadas na oposição ao outro. Para os membros dessas

torcidas, a identidade do grupo é consolidada pela rivalidade com o oponente, o que intensifica a coesão interna e justifica ações hostis contra o grupo rival.

Segundo Maurício Murad em *“A Violência e o Futebol – dos Estudos Clássicos aos Dias de Hoje”*⁶⁴ (2017), essa rivalidade exacerbada é uma forma de afirmação de identidade e lealdade ao grupo. Murad argumenta que a violência não é apenas um comportamento agressivo, mas uma prática cultural que expressa pertencimento e solidariedade ao grupo. Nesse contexto, a identidade do grupo é frequentemente construída em oposição a “outros” percebidos como adversários ou inimigos. Essa dicotomia “nós contra eles” intensifica a coesão interna e justifica ações hostis contra os grupos rivais. O “nós contra eles” não é apenas um conflito esportivo, mas uma disputa de identidade social e territorial.

Essa construção de identidade pode ser observada na matéria, onde os grupos rivais se enfrentam não apenas por discordâncias esportivas, mas como forma de reafirmação de sua presença e força no cenário urbano e futebolístico. O envolvimento de líderes importantes, como Paulo Serdan, reforça essa ideia, pois sua participação evidencia o papel central dessas lideranças na manutenção da identidade e coesão do grupo.

Bernardo Buarque de Hollanda, em sua dissertação *“O Clube como Vontade e Representação”*⁶⁵ (2008), destaca que a violência, para além da rivalidade esportiva, é utilizada como um mecanismo de conquista de respeito e prestígio dentro das torcidas. Esse status é obtido pela demonstração de poder e bravura nos confrontos com os rivais, o que reforça a posição social do indivíduo dentro do grupo.

A invasão do campo e a destruição de elementos estruturais do estádio, como descrito na matéria, podem ser interpretadas como uma forma de conquista territorial. Para as torcidas organizadas, o estádio não é apenas um local de competição esportiva, mas um espaço simbólico de poder e afirmação identitária.

De acordo com Hollanda, o espaço urbano e os estádios são territórios onde as torcidas afirmam sua presença e identidade coletiva. A invasão de campo, nesse sentido, não é apenas um ato de vandalismo, mas uma performance simbólica de poder sobre o espaço do inimigo. Essa lógica territorial pode explicar a escalada de violência no evento, pois a disputa pelo espaço físico do Pacaembu representa uma disputa por poder simbólico entre os grupos rivais.

⁶⁴Murad, Mauricio. *Violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas*. 2ª ed. São Paulo: Benvirá, 2017.

⁶⁵Hollanda, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

O episódio da “Batalha Campal” do Pacaembu teve um impacto profundo no futebol brasileiro, levando a uma mudança perceptível na forma como o futebol e o comportamento das torcidas organizadas passaram a ser vistos pela sociedade, pela mídia e pelas autoridades. Em um primeiro momento, o jornal *A tribuna*, soltando matérias incentivando a perseguição e dando voz a políticos conservadores como é o caso da edição de 22 de agosto de 1995, *Gás e água fria*: Deputado Erasmo Dias dá a receita para reprimir os agressores⁶⁶, que aborda as declarações do deputado estadual Erasmo Dias (PPR), que defende o uso de gás lacrimogêneo e jatos de água fria como forma de reprimir tumultos, como o ocorrido no estádio do Pacaembu. Segundo ele, essa seria a solução mais eficaz para conter as massas que, em sua visão, tornam-se irracionais em situações de conflito. Na matéria, Erasmo Dias critica a falta de policiamento adequado e rejeita a necessidade de novas leis, argumentando que as já existentes são suficientes, desde que aplicadas corretamente. Ele também generaliza o comportamento violento para todas as torcidas organizadas, defendendo uma postura rígida de repressão.

Figura 5- Jornal *A tribuna*, matéria *Gás e água fria*: Deputado Erasmo Dias dá a receita para reprimir os agressores. 22/08/1995. Acervo: *HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA*.

Ao analisar essa matéria evidencia-se a limitação da abordagem repressiva proposta por Erasmo Dias. Bernardo Buarque de Hollanda destaca que a violência no futebol não pode ser atribuída exclusivamente às torcidas organizadas, uma vez que essas agremiações também

⁶⁶ Publicação: *A tribuna*, 22/08/1995, link:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_07&pesq=brigas%20em%20est%C3%A1dio&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=121396, visto por último 27/02/2025.

desempenham papel cultural e social importante, sendo espaços de sociabilidade e pertencimento para jovens de periferia, como já abordado anteriormente. Para o autor, o discurso de criminalização generalizada reforça estigmas sociais e legitima práticas repressivas que não abordam as causas estruturais da violência. Nesse sentido, a narrativa adotada por Dias desconsidera as complexas dinâmicas sociais e culturais envolvidas nas manifestações torcedoras.

Maurício Murad complementa essa visão ao afirmar que a violência associada ao futebol é um reflexo de questões sociais amplas, como desigualdade, exclusão e falta de políticas públicas voltadas para a juventude. Segundo Murad, cerca de 90% dos episódios de violência ocorrem fora dos estádios, o que sugere que medidas repressivas no ambiente esportivo são insuficientes para conter o problema. O autor defende um plano estratégico que envolva repressão, prevenção, educação e promoção de uma cultura de paz, visando transformar a percepção do adversário de inimigo para competidor⁶⁷.

A retórica do deputado reflete um paradigma autoritário e conservador de controle social, no qual a ordem é mantida através da força, ignorando as raízes sociais da violência. Ao desconsiderar os aspectos culturais e sociais das torcidas organizadas, ele perpetua um estigma que legitima a repressão estatal e contribui para a marginalização de jovens periféricos. Além disso, sua visão de massa como irracional e perigosa, que precisa ser contida com violência, alinha-se à perspectiva histórica de controle social sobre manifestações populares, refletindo um discurso autoritário que remonta ao período da ditadura militar no Brasil, do qual o próprio Erasmo Dias foi protagonista. Essa perspectiva de criminalização a partir das falas do deputado que atuou ativamente no regime militar, foi amplamente divulgada e aceita socialmente, sendo torcedores organizados tomados como “vagabundos”, marginalizados e criminalizados.

Uma das mudanças logo após o episódio, foi a determinação do Ministério Público de São Paulo da extinção das torcidas Mancha Verde e Independente, além de proibir o uso de bandeiras com mastros nos estádios paulistas, medida que perdura até os dias atuais. Os jornais narraram esses episódios, em um primeiro momento com a manchete *O fim da Mancha Verde: Liminar suspende as atividades da Torcida Organizada do Palmeiras de agosto de 1995* (não foi possível identificar a data)⁶⁸.

⁶⁷ Murad, *op. Cit.* P. 47.

⁶⁸ Publicação: *A tribuna*, Agosto de 1995. Link: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_07&Pesq=brigas%20em%20est%c3%a1dio&pagfis=122405, visto por último 27/08/2025.

C — 2

Fim da Mancha Verde

Liminar suspende as atividades da Torcida Organizada do Palmeiras

De São Paulo

A juíza Fátima Vilas Boas Cruz de Almeida Perri, da 40ª Vara Cível da capital, concedeu ontem liminar numa ação civil pública proposta pelo Ministério Público para determinar a imediata suspensão de "toda e qualquer atividade" do Grêmio Recreativo Esportivo e Cultural Torcida Mancha Verde. O desrespeito à liminar acarretará multa diária de R\$ 100 mil, sem prejuízo das demais sanções legais cabíveis.

Para garantir a execução da medida, a juíza oficiou ao Banco Central determinando o bloqueio de todas as contas bancárias da Mancha Verde. Na ação, o Ministério Público acusa a Mancha Verde de "desvio da finalidade do direito constitucional de associação". Aponta como fator de violência no futebol que culminou no último dia 20 com grave conflito no Estádio Municipal do Pacaembu, quando morreu um jovem de 16 anos e dezenas de pessoas ficaram feridas.

Os sete promotores da Promotoria da Cidadania que assinam a ação civil pública alinham os "gritos de guerra" usados pela Mancha Verde, entre os quais: "Agora é sério: mexeu com a Mancha Verde vai parar no cemitério". "E morre um e morre cem, a Mancha Verde não tem medo de ninguém".

Em sua decisão, pondera a juíza que a Constituição Federal assegura o livre direito de associação. Entretanto "tal direito encontra limites no exercício de finalidade lícita, tanto que as associações poderão ser compulsoriamente dissolvidas ou suspensas por decisão judicial, em caso de desvio de tal finalidade", nos termos do artigo 5º, inciso XIX da Constituição.

Prevenir — Acrescenta que o objetivo da medida liminar é "prevenir o dano que possa advir da demora natural da solução do litígio". Assinala ainda que "diante da urgência da medida preventiva não é possível o exame pleno do direito material do interessado, mesmo porque ele só poderá ser feito após o trâmite da ação proposta". (Agência Estado)



Organizada do Palmeiras: multa de R\$ 100 mil por dia em caso de desrespeito à liminar e contas bancárias bloqueadas

Figura 6- Jornal A Tribuna, machete O fim da Mancha Verde: Liminar suspende as atividades da Torcida Organizada do Palmeiras. Acervo: HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA.

A matéria jornalística trata da decisão judicial que suspendeu as atividades da torcida organizada Mancha Verde, ligada ao Palmeiras. A juíza Fátima Vilas Boas Cruz, da 4ª Vara Cível de São Paulo, acatou uma ação civil pública movida pelo Ministério Público, determinando a suspensão imediata das atividades da entidade por desrespeito a uma liminar anterior. Caso a decisão seja descumprida, a torcida está sujeita a uma multa diária de R\$ 100 mil e teve suas contas bancárias bloqueadas.

A justificativa para a medida foi baseada em incidentes de violência envolvendo membros da organizada. A decisão também visou prevenir novos episódios de violência, destacando a necessidade de segurança nos eventos esportivos. A juíza ressaltou que a ação não violaria o direito de associação previsto na Constituição Federal, já que a limitação seria temporária e proporcional aos problemas enfrentados. A reportagem menciona a reação da torcida, que afirmou não temer as consequências e criticou a decisão judicial.

Em seguida a essa notícia, o Jornal também noticia o fechamento da sede da torcida *Independentes*⁶⁹:

Independente é a próxima que vai ter a sede fechada

De São Paulo

Depois de ter conseguido, por intermédio de uma liminar concedida pela juíza Fátima Villas Boas Perrot, da 40ª Vara Cível da Capital, a suspensão provisória de todas as atividades da Torcida Mancha Verde, a maior do Palmeiras, a Promotoria de Justiça da Cidadania do Ministério Público de São Paulo vai entrar ainda esta semana com uma ação contra a Torcida Independente do São Paulo, pedindo sua extinção.

Segundo o promotor Fernando Capez, a ação contra a Independente será parecida com a da torcida palmeirense, já que também ficou provado, durante as investigações, desvio da finalidade estatutária da torcida, como a prática de violência. "A diferença básica com relação à Mancha é que a Independente usa muitas bombas e artefatos explosivos, enquanto a Mancha usa mais violência física".

Os promotores ainda estão investigando, no entanto, se a violência praticada pelos membros da Independente é estimulada pela cúpula da torcida. "Se eles não estimulam, ao menos são complicados com esta violência que já dura anos", explicou Capez. No caso da Mancha, a Promotoria conseguiu provas de que os dirigentes da facção incitam os demais a cometer atos violentos.

Capez confirmou ainda que se for descoberto qualquer outro ato ilícito praticado pela Mancha Ver-

de, ele será incluído no processo. "A batalha judicial está apenas começando", disse Capez. "Estamos investigando crimes mais graves na Mancha". Segundo a promotora Manangela Balduino, o Departamento Estadual de Narcóticos da Polícia Civil (Denarc) está investigando, a pedido do promotor Eduardo Silva, um possível envolvimento da Mancha Verde com tráfico de drogas.

Cassação — O conselheiro do Palmeiras e advogado consultor da Mancha, Ricardo Pellegrini Pisani, disse que o primeiro passo na defesa da torcida será o pedido urgente de cassação da liminar que suspendeu suas atividades. "Vamos provar que as acusações feitas contra a Mancha não têm nada de concreto já que foram feitas em cima de recortes de jornal", explicou. O passo seguinte é formar um corpo jurídico, composto por especialistas, para defender a torcida no processo de extinção.

"Não esperávamos que a situação fosse chegar a tal ponto", disse. "Estão pegando a Mancha para bo-de-expiatório". O presidente da Mancha, Paulo Serdan, manteve a sede da torcida fechada desde a manhã de ontem. A tarde, Serdan reuniu-se com o presidente da Gaviões da Fiel, Jamelão, na sede da facção corintiana, para conseguir apoio. "Não vamos permitir a extinção da Mancha", disse Serdan. (Agência Estado)

Torcedora tricolor é indiciada

De São Paulo

A estudante de Osasco Cristiane Leite Narciso, de 19 anos, foi a primeira mulher a ser indiciada pela briga de torcedores do São Paulo e do Palmeiras, no Pacaembu. A torcedora da Falange Tricolor vai responder por crime de rixa qualificada. Cristiane, que havia sido identificada pelo delegado Sérgio Luís Alves através de imagens de TV, compareceu ontem, espontaneamente, ao Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), acompanhada de sua família para prestar depoimento.

Até agora, 18 pessoas já foram indiciadas por rixa. O diretor de patrimônio da Torcida Organizada do Palmeiras (TUP), João Roberto Roisse Gobbato, está sendo esperado hoje, às 16 horas, no DHPP para depor. Ele é filho do ex-dirigente do Palmeiras João Roberto Gobbato e aparece em uma das fotos publicadas nos jornais, armado de pau e pedra. O laudo do Instituto Médico Legal (IML) sobre a morte do são-paulino Márcio Gasparim da Silva, de 16 anos, esperado pelo delegado Sérgio Alves, não havia chegado até o fim da tarde de ontem.

Betinho — O articulador da Ação da Cidadania Contra Misé-

ria e Pela Vida, o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, vai se reunir, na sexta-feira, com as torcidas organizadas dos principais times cariocas. O encontro vai marcar o compromisso entre os líderes das torcidas do Flamengo, Botafogo, Vasco e Fluminense de combaterem a violência nos estádios do Estado do Rio. Em São Paulo, a campanha contra a violência começará com um "jogo de paz" entre Corinthians e Palmeiras no próximo domingo.

A partida vai ser válida para o primeiro turno do Campeonato Brasileiro. A arrecadação do jogo será doada à campanha contra fome. Na próxima semana, Betinho acertará com o presidente da Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (Suderj), Paulo Ricardo Raposo, a data da partida entre dois times cariocas para marcar o início da mobilização anti-violência nos estádios do Rio.

Flamengo e Botafogo podem ser os escolhidos para a disputa do "jogo da paz". O encontro com Raposo deveria ter sido ontem, mas teve de ser desmarcado. Betinho disse que está entusiasmado com o resultado da campanha contra as agressões nas partidas de futebol. (Agência Estado)

Figura 7_ Matéria Jornal A tribuna, manchete "Independente é a Próxima que Vai Ter a Sede Fechada". 13/07/1995. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Figura 8- Matéria Jornal A tribuna, manchete "Torcedora Tricolor é Indiciada". 12/07/1995. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Na primeira matéria "Independente é a Próxima que Vai Ter a Sede Fechada" informa sobre a ação do Ministério Público de São Paulo para fechar a sede da Torcida Independente, do São Paulo, após decisão judicial que já havia suspenso as atividades da Mancha Verde. Segundo o promotor Fernando Capez, a medida se justifica por acusações de violência associadas à torcida. Capez diferencia a Independente da Mancha Verde ao alegar que a primeira faz uso de "menos explosivos", mas ainda assim incita a violência. O texto explora a estratégia de repressão judicial como ferramenta de controle social sobre as torcidas, evidenciando um esforço de "limpeza" dos estádios. A abordagem adota um tom alarmista e punitivista, retratando as organizadas como ameaças à ordem pública.

A matéria também menciona a tentativa de defesa por parte da Independente, alegando falta de provas consistentes. O conselheiro jurídico do Palmeiras, Ricardo Pellegrini, é citado

⁶⁹ Publicação: *A tribuna*, 13/07/1995. Link:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_07&Pesq=brigas%20em%20est%c3%a1dio&pagfis=122450, visto por último 07/03/2025.

argumentando que as acusações contra a Mancha Verde são baseadas apenas em reportagens jornalísticas, questionando a legitimidade das decisões judiciais.

Na segunda matéria "Torcedora Tricolor é Indiciada" relata o indiciamento de Cristiane Leite Narciso, primeira mulher acusada de envolvimento em briga de torcidas no clássico entre São Paulo e Palmeiras no estádio do Pacaembu. Ela fazia parte da Falange Tricolor e foi identificada por imagens de TV. O texto destaca a participação feminina em episódios de violência, algo raro na cobertura jornalística da época. A matéria contextualiza o caso dentro de um cenário de crescente repressão e judicialização contra torcidas organizadas. É mencionado também o andamento de investigações sobre a morte de Márcio Gasparim, torcedor do São Paulo, enfatizando a atuação policial e jurídica em casos de violência no futebol. A abordagem reforça o viés de criminalizar as torcidas, sem considerar aspectos sociais e culturais desses grupos.

A reportagem conclui com a menção a iniciativas de paz nos estádios, lideradas por Herbert de Souza (Betinho), que tentava articular um pacto entre as principais torcidas do Rio de Janeiro e São Paulo. Essa estratégia de pacificação buscava mitigar o estigma de violência associado às organizadas, mas o tom do texto ainda evidencia um enfoque punitivista.

Essas narrativas evidenciam um contexto de perseguição legal às torcidas organizadas nos anos 90, algo debatido por Maurício Murad, que critica a abordagem repressiva e a ausência de políticas públicas de inclusão desses grupos. A partir da leitura de Buarque de Hollanda e Murad, evidencia-se que a resolução do problema da violência no futebol requer uma abordagem integrada, que considere as dimensões sociais, culturais e econômicas envolvidas. A criminalização generalizada das torcidas organizadas desconsidera seu papel como espaços de socialização e resistência cultural, enquanto o enfoque repressivo falha ao não abordar as causas estruturais da violência. Nesse contexto, políticas públicas de inclusão social, educação e promoção do diálogo emergem como alternativas mais eficazes para a construção de uma cultura de paz nos estádios.

A violência não apenas levantou questões sobre a segurança nos estádios, mas também desencadeou um debate mais amplo sobre a cultura do torcedor, as dinâmicas internas das torcidas organizadas e os fatores que fomentam comportamentos agressivos. A partir de então, intensificaram-se os esforços para entender melhor o fenômeno das torcidas organizadas, sua relação com o esporte e as medidas que poderiam ser adotadas para mitigar a violência e garantir a segurança de todos os envolvidos⁷⁰. Enxergo aqui um dos pontos cruciais para as mudanças

⁷⁰ Dos Santos. Vagner Luiz Gonçalves. Comentários sobre a proibição de torcedores visitantes nos clássicos paulistas. *Juris UniToledo, Araçatuba*, São Paulo v. 03, n. 04, p.177-190, out./dez. 2018.

no cenário do futebol brasileiro, especialmente no que diz respeito aos torcedores, tanto os comuns quanto os organizados, já que todos foram afetados por essas transformações.

Esse momento que marca o início por parte do poder público para a tomada de providências quanto ao crescente aumento da violência nos espetáculos esportivos. As mudanças começaram com a proibida das torcidas organizadas nos estádios do estado de São Paulo. O controle dos torcedores começou com a proibição dos tradicionais uniformes que identificavam as torcidas organizadas, os quais tinham orgulho de usar. Além das bandeiras, instrumentos de percussão e a proibição da venda de bebidas alcoólicas dentro dos estádios. Entende-se que esse foi o momento chave para o despertar das autoridades acerca da gravidade dos incidentes entre as torcidas organizadas e a violência nos estádios de futebol do país. Isso também alterou a sociedade de forma geral, atraindo os acadêmicos e colocando o futebol e a violência no esporte em debate⁷¹. Foi necessário a morte de um jovem e 100 feridos para enxergarem a urgência de mudanças no cenário das torcidas organizadas, destacando a necessidade de novas leis e estatutos para regulamentar e estruturar essas entidades.

O episódio levou a criação do Estatuto do Torcedor, em 2003, que buscou estabelecer normas para a proteção dos torcedores e a prevenção da violência nos estádios. Como consequência dos episódios de violência, autoridades policiais realizaram uma série de operações que culminaram na invasão das sedes das torcidas organizadas responsáveis. Essas ações tinham como principal objetivo a identificação dos responsáveis pelos atos de agressão, por meio da busca e apreensão de documentos, registros e outros materiais encontrados nos locais. Essas invasões e apreensões de documentos também serviam como uma resposta à pressão que a polícia vinha sofrendo por parte da população. Essas operações tiveram impacto significativo, não apenas no âmbito legal, mas também na imagem pública das torcidas organizadas, alimentando um debate mais amplo sobre sua regulação, atuação e o papel que desempenham na cultura futebolística.

Até então, a violência entre torcidas organizadas era considerada um problema isolado, restrito aos dias de jogo. Contudo, após esse evento, as autoridades perceberam que a questão era muito mais grave e complexa. Nesse momento, o discurso da televisão passou a se concentrar diretamente nos torcedores organizados, destacando a necessidade de punição para esses grupos. As medidas se tornaram mais severas, com a polícia e as autoridades judiciais direcionando suas ações exclusivamente contra os torcedores, criando a impressão de que eles eram os únicos responsáveis. Essas abordagens não responsabilizavam os dirigentes e

⁷¹ REIS, Heloisa Helena Baldy. Futebol e violência. Campinas. Editora Armazém do livro. 2006.

administradores do evento esportivo, nem as próprias autoridades envolvidas⁷². Essa pressão por parte da mídia e da população recaiu sobre o Ministério Público do Estado de São Paulo, a Federação Paulista de Futebol e a Polícia Militar. Em resposta, o promotor de justiça da época, Fernando Capez, tomou medidas rigorosas, ordenando o fechamento das torcidas organizadas envolvidas no incidente: a Mancha Verde, do Palmeiras, e a Independente, do São Paulo⁷³. Conforme mencionado anteriormente.

Essa não foi a única medida adotada. Outras ações também foram implementadas, como a aprovação pelo Ministério Público da Lei Estadual nº 9.470, sancionada em 27 de dezembro de 1996, que visava regulamentar a estrutura dos estádios e aprimorar o controle sobre os torcedores:

Artigo 1.º - É obrigatória em todos os estádios de futebol, ginásios de esportes e demais estabelecimentos congêneres do Estado de São Paulo a manutenção de toda a lotação com lugares numerados.

Artigo 2.º - Nos bilhetes de ingresso dos locais descritos no artigo anterior deverá constar, obrigatoriamente, o número do lugar a ser ocupado pelo adquirente.

Artigo 3.º - Os locais referidos no Artigo 1.º terão o prazo de 120 (cento e vinte) dias para proceder à adaptação do disposto nesta lei⁷⁴.

Nesse mesmo sentido, a lei também estabeleceu a proibição de bebidas alcoólicas, fogos de artifício e bandeiras com qualquer tipo de suporte:

Artigo 5º - Nos estádios de futebol e ginásios de esportes mencionados no Artigo 1º ficam proibidas a venda, a distribuição ou utilização de:

I – Bebidas alcoólicas;

II – Fogos de artifício de qualquer natureza;

III – Hastes ou suportes de bandeiras; e

IV – Copos e garrafas de vidro e bebidas acondicionadas em lata.

Artigo 6º - A proibição aludida no inciso I do artigo anterior estende-se, nos dias de jogos, a um raio de 200 metros de distância das entradas dos estádios e ginásios de esporte⁷⁵.

⁷² Betti, Mauro. “A televisão e a guerra do Pacaembu; povão versus cidadãos”. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 220-225, 1996.

⁷³ Dos Santos, Op. Cit. P. 181-182.

⁷⁴ SÃO PAULO. Lei 9.470 de 27 de dezembro de 1996. *Demarcação de lugares nos estádio e ginásios do Estado de São Paulo*. Disponível em: < <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1996/lei-9470-27.12.1996.html> >. Acesso em: 05 mai. 2024.

⁷⁵ SÃO PAULO. Lei 9.470 de 27 de dezembro de 1996. *Demarcação de lugares nos estádio e ginásios do Estado de São Paulo*. Disponível em: < <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1996/lei-9470-27.12.1996.html> >. Acesso em: 05 mai. 2024.)

Essa sanção teve apoio de grande parte da população, porém, as ações de extinguir as torcidas organizadas que participaram da “Batalha Campal” não tiveram muito êxito, já que os torcedores não foram proibidos de irem aos estádios. O número de violência entre os torcedores organizados seguia aumentado ao passar do tempo. A Mancha Verde criou uma nova instituição, mudando o nome para Mancha Alviverde. A Independente também seguiu o mesmo caminho, a Torcida Tricolor Independente deixando de existir e criando o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Independente Tricolor.

A pressão sobre as autoridades brasileiras persistiu mesmo após a implementação das medidas existentes, o que levou à adoção de novas soluções, culminando na criação do Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), estabelecido durante o governo de Fernando Henrique Cardoso pela Lei nº 10.671/2003. Esse foi um marco significativo para os torcedores de futebol no Brasil, pois buscava regulamentar a prática esportiva no país, definindo direitos e deveres dos torcedores nos eventos esportivos. Embora outras leis, como a Lei Pelé (Lei nº 9.615/1998)⁷⁶, o Bolsa Atleta (Lei nº 10.891/2004)⁷⁷ e a Lei de Incentivo ao Esporte (Lei nº 11.438/2006)⁷⁸, também sejam de grande importância, o foco aqui será especificamente na EDT⁷⁹.

Essas foram apenas algumas das medidas adotadas para enfrentar o problema, com o objetivo de desviar o foco das autoridades e oferecer uma resposta à população em geral. Considero esse caso um dos mais significativos no cenário esportivo brasileiro, especialmente quando comparado a eventos similares ocorridos no exterior, que levaram a mudanças drásticas no esporte por meio de ações diretas do governo. Para efeito de comparação, podemos citar alguns exemplos de acontecimentos internacionais.

Porém, é necessário apresentar aqui um importante grupo na história do futebol: os “Hooligans”, que ganharam grande notoriedade no século XX. Esse termo ainda é diretamente associado a posturas e comportamentos violentos em eventos futebolísticos. Sabe-se que os hooligans têm origem na Inglaterra, segundo Gilberto Agostino em seu livro *Vencer ou morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional*, a expressão “hooligan”, consolidada ao longo do século XX como um termo de ampla circulação, tem sua origem etimológica associada a uma família irlandesa de sobrenome Houlihan, que viveu na Londres Vitoriana e reconhecida por

⁷⁶ Lei Pelé ou Lei do Passe livre, foi uma norma jurídica brasileira sobre desporto, onde o efeito mais notório foi a mudança na legislação sobre o passe de jogadores de futebol.

⁷⁷ Essa lei instituiu o programa de Bolsa Atleta, um patrocínio individual para atletas brasileiros.

⁷⁸ A Lei de Incentivo ao Esporte é uma ferramenta que se direciona na promoção de práticas esportivas e na formação de atletas, fortalecendo estruturas esportivas no Brasil.

⁷⁹ Rezende, Fábio Henrique França; SALDANHA, Renato Machado; SILVA, Si-lvio Ricardo da. Estatuto de Defesa do Torcedor e Lei Geral do Esporte: similaridades e distinções no que concerne à atuação perante as torcidas organizadas. Ludopédio, São Paulo, v. 169, n. 7, 2023.

seu comportamento insociável e turbulento. Inicialmente, o termo estava circunscrito a uma referência específica, mas, de acordo com as dinâmicas sociais e culturais das grandes metrópoles, sofreu um processo de resignificação. Ao final do século XIX, a expressão passou a ser empregada para designar grupos organizados que atuavam no submundo londrino, exercendo controle territorial e envolvendo-se em atividades ilícitas. Posteriormente, no contexto do século XX, o termo foi apropriado para caracterizar torcedores que praticavam atos violentos, especialmente no âmbito do futebol, consolidando-se como um conceito associado ao comportamento agressivo de torcidas organizadas⁸⁰.

O autor destaca que, a partir de 1946, inúmeros casos de conflitos nos estádios ingleses começaram a se intensificar, situação que se agravou nas décadas seguintes e se tornou um problema social de grande relevância no país. Nesse período, o futebol passava por um acelerado processo de modernização, impulsionado pelo seu crescente sucesso e popularidade. Para compreender as motivações por trás desse comportamento, Luiz Henrique Toledo em seu livro *Torcidas organizadas de futebol*, recorre à perspectiva dos próprios torcedores citando uma entrevista com um inglês que descreve sua experiência, que pode contribuir com a nossa análise:

(...) alguém que trabalha a semana inteira num emprego maçante e mal pode esperar para sair numa tarde de sábado (...) Então você imagina que somos movidos a que? (...) Se a gente não fizesse isso [as práticas violentas e transgressoras] nos jogos de futebol acabaria fazendo em algum outro lugar. Acabariamos fazendo no sábado a noite no pub. É o que tá na gente né? A violência. Todos nós temos por dentro(...) ⁸¹.

Essa fala revela uma visão internalizada da violência como uma forma de escape, sugerindo que o comportamento dos hooligans não era apenas uma reação ao ambiente futebolístico, mas sim uma expressão de frustrações cotidianas e de uma necessidade de liberação emocional. Dessa forma, o fenômeno dos hooligans pode ser interpretado como um reflexo de tensões sociais mais amplas, canalizadas para o espaço dos estádios.

Esses torcedores hooligans se reuniam em pubs (bares) para posteriormente irem aos jogos, porém, diferente das torcidas organizadas, eles prezavam pelo anonimato, se misturando a multidão. Eles tinham como objetivo principal a violência declarada, priorizavam a hostilidade. Assim, eles viam no futebol um evento que poderiam fornecer essas manifestações, já que um esporte de massa produzia cenários propícios para os confrontos desejados. Assim, podemos lembrar as ideias propostas por Norbert Elias e Dunning, desenvolvidas no primeiro

⁸⁰ Agostino, Gilberto. Vencer ou morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional (Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2002). P. 234.

⁸¹ Toledo, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ Anpocs, 1996. P. 109.

capítulo, no qual apontam que o controle da violência foi um elemento central do processo civilizatório, que transformou as sociedades europeias a partir do século XV. Com o fortalecimento do Estado e o monopólio da violência física legítima, ela foi progressivamente reprimida e substituída por mecanismos de controle social, como leis, educação e etiqueta. No entanto, Elias argumenta que a violência não desapareceu, mas foi reorganizada e canalizada para esferas controladas, como guerras ou repressões estatais. Paralelamente, o esporte, especialmente o futebol, emergiu como uma forma socialmente aceita de liberar tensões e emoções de maneira regulada. Os estádios tornaram-se espaços onde explosões de excitação coletiva eram permitidas, desde que contidas dentro de normas e regras. Essa dinâmica reflete a necessidade de equilibrar a repressão das emoções na vida cotidiana com a busca por válvulas de escape controladas. Neste contexto, podemos entender melhor o comentário feito pelo torcedor na entrevista acima, “se a gente não fizesse isso nos jogos de futebol acabaria fazendo em algum outro lugar”.

É nesse sentido que diversos conflitos foram acontecendo ao longo dos anos. Vale citar um importante acontecimento, que ficou conhecido como a “Tragédia de Heysel”. O jogo entre a Juventus, da Itália e o Liverpool, da Inglaterra em 1985, pela final da Copa dos Campeões da Europa, disputado no Estádio de Heysel, na Bélgica. Os torcedores ingleses destruíram a barreira que separava as torcidas e atacaram os italianos, acompanhados de gritos e cânticos ofensivos. A confusão começou com a invasão dos hooligans ingleses no setor reservado aos ultras italianos, gerando um cenário de completo pânico e correria. Esse caos resultou em numerosos feridos, com pessoas sendo pisoteadas e prensadas contra as grades do estádio. O saldo final foi de 39 mortos e mais de 400 feridos⁸².

Outro grave incidente que marcou a história do futebol ocorreu em 1989, durante a final da Copa da Inglaterra entre Liverpool e Nottingham Forest, conhecido como a Tragédia de Hillsborough. Nesse caso, a superlotação do estádio levou à asfixia de torcedores, causando desespero e pisoteamento entre os presentes. A responsabilidade pelo ocorrido foi inicialmente atribuída pelos meios de comunicação e pelas autoridades da época aos hooligans. O saldo trágico foi de 96 mortos e mais de 900 feridos. Apenas anos depois, as autoridades reconheceram falhas significativas na organização do evento.

⁸² Rezende, Fábio Henrique França; SALDANHA, Renato Machado; SILVA, Si-Ivio Ricardo da. Estatuto de Defesa do Torcedor e Lei Geral do Esporte: similaridades e distinções no que concerne à atuação perante as torcidas organizadas. Ludopédio, São Paulo, v. 169, n. 7, 2023.

Após o incidente, a pressão exercida pela mídia e pela população foi fundamental para forçar as autoridades a tomar medidas concretas. Esse ambiente de alta pressão criou uma demanda urgente por respostas e ações que pudessem restaurar a confiança pública e prevenir futuros episódios de violência. Nesse contexto, surgiu o Relatório Taylor, um documento que recomendava diversas medidas para melhorar a segurança no futebol. O relatório destacou que a infraestrutura dos estádios e o tratamento dos torcedores contribuíam para cenários indesejáveis. Para resolver esses problemas, era necessário reformar completamente a estrutura dos estádios e dos eventos esportivos em geral.

O Relatório Taylor visava identificar um principal culpado para desviar o foco das autoridades da época: os hooligans. Foi implementada uma extensa organização de vigilância para erradicar os torcedores problemáticos dos estádios, e foram criadas leis específicas para combater a violência nos eventos esportivos. Essas leis concediam maior autonomia à polícia para prender torcedores envolvidos em atos violentos. Outro ponto crucial foi a alteração no formato de assistir aos jogos, com a obrigatoriedade de que os torcedores permanecessem sentados. Essa mudança facilitou o controle dos espectadores e enfraqueceu o espírito de grupo, tornando mais fácil a contenção e a gestão dos torcedores⁸³.

Esses episódios evidenciam a violência no futebol na Inglaterra, forçando as autoridades a agir sob intensa pressão da mídia e da opinião pública. Assim como no Brasil, as medidas de prevenção só foram adotadas após eventos trágicos, como uma forma de aliviar essa pressão. Acredito que todas essas mudanças foram fundamentais para moldar o futebol como o conhecemos hoje, sendo por isso que considero esses acontecimentos marcos importantes na história dos torcedores no mundo. No Brasil, um paralelo pode ser traçado com a "Batalha Campal" do Pacaembu, que foi o ponto de partida para mudanças no cenário do futebol nacional, redirecionando o foco para os torcedores e a organização dos eventos esportivos. A partir desse momento, com a criação do Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), os torcedores passaram a ser vistos não apenas como parte da torcida, mas também como consumidores, tratados de forma individual, com direitos e deveres claramente definidos.

No entanto, é necessário discutir como foi a divulgação do Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT) entre os próprios torcedores, já que o documento apresentava um alto grau de complexidade, dificultando sua compreensão. Muitos torcedores percebiam apenas as mudanças ocorridas, sem realmente conhecê-las em detalhes. Uma pesquisa realizada durante

⁸³ Giulianotti, R. Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

o Campeonato Brasileiro de 2007 revelou que apenas 1,5% dos torcedores declaravam conhecer de fato o EDT; 39,3% não sabiam nada sobre ele; 8,1% conheciam apenas alguns trechos; e 50,4% apenas haviam ouvido falar da sua existência. Um ponto levantado pela pesquisa foi a dificuldade dos entrevistados em acessar o estatuto. As principais formas de divulgação mencionadas eram pela mídia, como rádio, televisão e jornais, sem nenhuma promoção direta por meio dos próprios torcedores presentes nos estádios⁸⁴.

A falta de divulgação adequada do EDT para aqueles que realmente precisam dele é uma das principais críticas ao seu formato. Novamente, percebe-se que as autoridades, pressionadas pela mídia e pela população, buscavam criar apenas medidas superficiais para controlar os torcedores. Para que os torcedores possam defender seus direitos, é essencial que eles os conheçam, algo que o Estatuto não assegurava. Esse ponto evidencia a ausência de mecanismos de comunicação entre os grupos de torcedores e as entidades responsáveis pela organização do futebol e de outros esportes, especialmente os clubes e as federações. Justamente pela falta de conhecimento, não se pode exigir que certas normas sejam seguidas à risca; para isso, seria necessário promover de maneira mais efetiva os direitos e deveres do torcedor.

Como foi visto, os torcedores organizados são colocados como principais culpados nesses eventos trágicos ocorridos ao longo da história, tanto pelas autoridades quanto pela mídia. A partir de 2010, as mudanças do EDT ficaram mais diretas, especialmente em relação ao tratamento dos torcedores organizados. Enquanto a primeira edição do EDT, de 2003, abordava apenas torcedores em geral, sem distinguir torcidas organizadas, a modificação subsequente refletiu uma compreensão mais refinada do problema. O foco inicial na totalidade dos torcedores foi mais apropriado, já que atribuir a violência do futebol a um único grupo específico ignora as múltiplas variáveis envolvidas⁸⁵.

Algumas das alterações introduzidas pela Lei nº 12.299/10, estabeleceu o foco nas torcidas organizadas e intensificou o cadastro de seus membros:

Art. 2o-A. Considera-se torcida organizada, para os efeitos desta Lei, a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade.

Parágrafo único. A torcida organizada deverá manter cadastro atualizado de seus associados ou membros, o qual deverá conter, pelo menos, as seguintes informações:

I - Nome completo; II - Fotografia;

⁸⁴ Curi, Martin; Alves Junior, Edmundo de Drummond; Melo, Igor Alves de; Rojo, Luiz Fernando; Ferreira, Melina Aurora Terra; Silva, Robson Campaneruti de. Observatório do Torcedor: o Estatuto. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 30, n. 1, p. 25-40, 2008.

⁸⁵ Resende, *Op. Cit.*, p. 4.

- III - Filiação;
- IV - Número do registro civil;
- V - Número do CPF;
- VI - Data de nascimento;
- VII - Estado civil;
- VIII - Profissão;
- IX - Endereço completo; e
- X – Escolaridade⁸⁶.

Já a punição estabelecida pelo Art. 41-B reflete a gravidade com que essas ações são vistas pelas autoridades, na tentativa de desencorajar comportamentos que possam colocar em risco a integridade física das pessoas presentes, bem como preservar o ambiente esportivo como um espaço seguro e de convivência pacífica. Este dispositivo legal é voltado para casos que envolvem torcedores que invadem o campo de jogo, enfrentamentos violentos entre grupos de torcedores rivais, ou agressões contra jogadores e oficiais de jogo. Além disso, ele busca responsabilizar os indivíduos pelos seus atos e, ao mesmo tempo, uma tentativa de contribuir para a manutenção da ordem e da segurança nos eventos esportivos:

Art. 41-B. Promover tumulto, praticar ou incitar a violência, ou invadir local restrito aos competidores em eventos esportivos:

Pena - reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa.

§ 1º Incorrerá nas mesmas penas o torcedor que:

I - promover tumulto, praticar ou incitar a violência num raio de 5.000 (cinco mil) metros ao redor do local de realização do evento esportivo, ou durante o trajeto de ida e volta do local da realização do evento;

II - portar, deter ou transportar, no interior do estádio, em suas imediações ou no seu trajeto, em dia de realização de evento esportivo, quaisquer instrumentos que possam servir para a prática de violência.

§ 2º Na sentença penal condenatória, o juiz deverá converter a pena de reclusão em pena impeditiva de comparecimento às proximidades do estádio, bem como a qualquer local em que se realize evento esportivo, pelo prazo de 3 (três) meses a 3 (três) anos, de acordo com a gravidade da conduta, na hipótese de o agente ser primário, ter bons antecedentes e não ter sido punido anteriormente pela prática de condutas previstas neste artigo.

§ 3º A pena impeditiva de comparecimento às proximidades do estádio, bem como a qualquer local em que se realize evento esportivo, converter-se-á em privativa de liberdade quando ocorrer o descumprimento injustificado da restrição imposta.

§ 4º Na conversão de pena prevista no § 2º, a sentença deverá determinar, ainda, a obrigatoriedade suplementar de o agente permanecer em estabelecimento indicado pelo juiz, no período compreendido entre as 2 (duas) horas antecedentes e as 2 (duas)

⁸⁶ BRASIL. Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010. *Altera o estatuto do torcedor*. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm >. Acesso em: 05 mai. 2024.

horas posteriores à realização de partidas de entidade de prática desportiva ou de competição determinada.

§ 5º Na hipótese de o representante do Ministério Público propor aplicação da pena restritiva de direito prevista no art. 76 da Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995, o juiz aplicará a sanção prevista no § 2º⁸⁷.

Em suma, a Lei nº 12.299/2010, que modifica o Estatuto do Torcedor (EDT), introduz os artigos 39-A e 39-B, os quais foram alvo de críticas extensas por parte da Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG), além de acadêmicos e especialistas. O artigo 39-A prevê punições para torcidas organizadas que se envolvam em atos de violência, enquanto o artigo 39-B estipula que essas torcidas devem ser responsabilizadas civilmente, de maneira objetiva e solidária, pelos danos causados por qualquer de seus membros, tanto no local do evento esportivo quanto nas suas proximidades e durante o trajeto. Além das questões constitucionais levantadas sobre essas regras, o que se evidencia é uma generalização indevida dos torcedores organizados, o que reforça a estigmatização e marginalização desses grupos, tratando-os como os principais responsáveis pelos atos violentos nos eventos esportivos.

Essa situação ilustra um padrão recorrente: a reação das autoridades frequentemente se dá de maneira atrasada, apenas após eventos de grande impacto. A pressão da mídia e da opinião pública é fundamental para acelerar essas respostas, que acabam atribuídas principalmente aos torcedores organizados, moldando-os para a população como os principais responsáveis e estigmatizando-os como marginais e excluídos da sociedade. A experiência internacional, como as mudanças pós-Heysel e Hillsborough, mostra que a adoção de medidas rigorosas e reformas são frequentemente desencadeadas por tragédias, e o Brasil não foi exceção. A necessidade de uma comunicação mais eficaz e de um maior envolvimento dos torcedores nas discussões sobre segurança e regulamentação é evidente. As reformas são necessárias, mas sua implementação e aceitação pelo público são igualmente importantes para garantir um ambiente esportivo mais seguro e justo. A falta de mecanismos de comunicação adequados entre as entidades responsáveis e os torcedores pode continuar a ser um obstáculo para a eficácia das políticas e para a construção de um ambiente esportivo mais seguro.

Desta forma, podemos entender que a "Batalha Campal" do Pacaembu, ocorrida em 1995, representa um marco na história do futebol brasileiro, não apenas pelo trágico saldo de feridos e uma morte, mas por expor as falhas estruturais na gestão da segurança nos estádios e as complexas relações entre futebol, sociedade e violência. Esse episódio, somado a outros

⁸⁷ BRASIL. Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010. *Altera o estatuto do torcedor*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm>. Acesso em: 05 mai. 2024.

eventos marcantes, como as tragédias de Heysel e Hillsborough na Europa, evidenciou a necessidade de medidas urgentes para conter a violência nos estádios e proteger os torcedores. No Brasil, a resposta das autoridades foi pautada por uma abordagem inicialmente repressiva, com o fechamento das torcidas organizadas envolvidas e a criação de leis como o Estatuto do Torcedor (2003) e suas posteriores modificações, que buscaram regulamentar a atuação das torcidas e garantir maior segurança nos eventos esportivos.

No entanto, as medidas adotadas, embora necessárias, revelaram-se insuficientes para resolver o problema de forma estrutural. A criminalização generalizada das torcidas organizadas, sem uma abordagem que considerasse suas dimensões sociais e culturais, acabou por reforçar estigmas e marginalizar esses grupos, sem enfrentar as causas profundas da violência. A falta de comunicação eficaz entre autoridades, clubes e torcedores também se mostrou um obstáculo, como evidenciado pela baixa divulgação e compreensão do Estatuto do Torcedor entre os próprios torcedores. Apesar das mudanças implementadas, como a proibição de bebidas alcoólicas, a obrigatoriedade de lugares numerados e o cadastramento de membros das torcidas, a violência nos estádios persistiu, indicando que a solução não reside apenas na repressão, mas em políticas integradas que incluam educação, diálogo e inclusão social.

A experiência internacional, com as reformas pós-Heysel e Hillsborough, mostrou que a transformação do ambiente esportivo depende não apenas de medidas punitivas, mas de uma mudança cultural que promova a paz e a segurança. No Brasil, a "Batalha Campal" e suas consequências destacam a importância de se repensar a relação entre futebol, torcedores e sociedade, buscando um equilíbrio entre controle e liberdade, repressão e prevenção. A violência nos estádios não é um problema isolado, mas um reflexo de tensões sociais mais amplas, que exigem respostas multifacetadas e um compromisso coletivo com a construção de um esporte mais seguro e inclusivo. Assim, o desafio permanece: como transformar os estádios em espaços de celebração e união, sem perder de vista a paixão e a identidade que tornam o futebol uma das maiores expressões culturais do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou a formação e evolução do torcedor brasileiro, com especial atenção às torcidas organizadas e às dinâmicas de violência que permeiam o universo do futebol. Partimos de um contexto histórico em que o esporte era predominantemente elitizado e exploramos sua transformação em uma prática popular, incorporada ao cotidiano de milhões de brasileiros. Essa transição, como foi evidenciado, não apenas refletiu, mas também influenciou as mudanças sociais, culturais e políticas do país, tornando o futebol um dos principais elementos da identidade nacional.

Ao longo da pesquisa, ficou claro que as torcidas organizadas representam mais do que um simples agrupamento de indivíduos apaixonados por seus clubes. Elas personificam a complexidade das relações sociais e culturais no Brasil, assumindo múltiplas funções dentro da sociedade. De um lado, desempenham um papel essencial na construção de identidades coletivas e no fortalecimento do vínculo entre torcedores e clubes, além de atuarem em diversas iniciativas comunitárias e movimentos sociais. De outro, tornam-se palco de conflitos e episódios de violência que não podem ser ignorados, gerando repercussões tanto para o futebol quanto para a segurança pública.

Os episódios de violência analisados ao longo deste trabalho, como a "Batalha Campal" de 1995 no Brasil e as tragédias de Heysel e Hillsborough na Europa, em 1985 e 1989, respectivamente, evidenciaram o ponto de ruptura entre a celebração esportiva e os desafios da convivência entre torcedores. Esses eventos demonstraram a necessidade urgente de medidas institucionais para mitigar os impactos negativos da violência no futebol, resultando na implementação de políticas como o Estatuto de Defesa do Torcedor. No entanto, a eficácia dessas medidas ainda é objeto de debate, uma vez que, na prática, as falhas na gestão da segurança e a ausência de uma abordagem que considere as causas estruturais da violência continuam a dificultar a criação de um ambiente pacífico e inclusivo nos estádios.

Além disso, a pesquisa destacou como as torcidas organizadas são um reflexo das tensões sociais mais amplas do Brasil. Elas emergem como espaços de resistência, sociabilidade e pertencimento para jovens de classes populares, ao mesmo tempo em que carregam as contradições de um país marcado por desigualdades estruturais, repressão estatal e disputas de poder. A militarização das torcidas, acompanhada de cânticos e símbolos que exaltam a violência, reforça o dilema entre a paixão pelo clube e a reprodução de comportamentos agressivos que extrapolam os limites do campo.

No contexto contemporâneo, a influência das torcidas organizadas transcende o futebol e se insere em cenários de relevância política e social. Um exemplo emblemático foi a

participação ativa de torcidas como a Gaviões da Fiel, do Corinthians, e a Galoucura, do Atlético Mineiro, na desobstrução de bloqueios ilegais realizados por manifestantes que contestavam o resultado das eleições presidenciais de 2022. Ao se mobilizarem para garantir a fluidez do tráfego e impedir paralisações de rodovias, essas torcidas demonstraram sua capacidade de atuação direta em momentos de instabilidade política, resgatando uma tradição histórica de engajamento social que remonta às suas origens⁸⁸.

Por outro lado, o fenômeno da violência entre torcidas permanece como um desafio latente, com episódios recorrentes que reforçam a necessidade de medidas eficazes para promover a segurança nos eventos esportivos. Um caso recente de grande repercussão ocorreu no dia 27 de outubro de 2024, quando as torcidas organizadas Mancha Verde, do Palmeiras, e Máfia Azul, do Cruzeiro, protagonizaram um confronto violento na Rodovia Fernão Dias, em Mairiporã, São Paulo. O embate resultou na morte de um torcedor cruzeirense de 30 anos e deixou 17 feridos. As investigações indicam que o ataque foi uma retaliação a um incidente anterior, ocorrido em setembro de 2022, quando membros da Máfia Azul emboscaram integrantes da Mancha Verde na mesma rodovia, em Carmópolis de Minas, deixando vários feridos. Como resposta ao confronto de 2024, a Federação Paulista de Futebol acatou a recomendação do Ministério Público e determinou a proibição da presença da Mancha Verde nos estádios do estado. Esses eventos reforçam a complexidade da questão da violência entre torcidas, demonstrando que, apesar dos avanços institucionais, ainda há um longo caminho a percorrer para garantir ambientes mais seguros nos jogos de futebol⁸⁹.

Diante do que foi apresentado e da relevância do tema, fica evidente que as torcidas organizadas desempenham um papel multifacetado na sociedade, podendo tanto atuar como agentes de mobilização e resistência quanto protagonizar episódios de violência. Essa dualidade mostra que é impossível esgotar todas as nuances desse debate, uma vez que ele envolve aspectos históricos, sociais, culturais e políticos que se entrelaçam de maneira dinâmica. A importância do tema se mantém, exigindo um olhar atento e contínuas pesquisas que aprofundem a compreensão das transformações das torcidas organizadas ao longo do tempo e das possíveis estratégias para minimizar os impactos negativos associados a elas.

⁸⁸ Torcidas organizadas se mobilizam contra bloqueios bolsonaristas. Link: < <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/torcidas-organizadas-se-mobilizam-contrabloqueios-bolsonaristas> > visto por último 01/04/2025.

⁸⁹ Emboscada de palmeirenses contra cruzeirenses deixa torcedor morto e 17 feridos na Rodovia Fernão Dias em Mairiporã, dizem policiais. Link: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/10/27/briga-entre-torcedores-do-palmeiras-e-do-cruzeiro-deixa-feridos-na-rodovia-fernao-dias-em-mairipora-diz-prf.ghml> , visto por último 01/04/2025.

Por fim, este trabalho buscou contribuir para o entendimento da relação entre futebol, sociedade, paixão e violência, oferecendo uma abordagem crítica e interdisciplinar do tema. No entanto, reconhecemos que muitas questões permanecem em aberto, especialmente no que diz respeito à implementação de políticas eficazes que promovam um ambiente esportivo mais seguro, democrático e inclusivo. Espera-se que as reflexões apresentadas ao longo desta pesquisa possam servir como ponto de partida para investigações futuras, incentivando um debate qualificado sobre a importância do futebol como um fenômeno social capaz de refletir e transformar a sociedade.

FONTES

A Tribuna (1995). Link:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_07&Pesq=brigas%20em%20est%C3%A1dio&pagfis=121369 , visto por último 25/02/2025.

A Tribuna, 13/07/1995. Link:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_07&Pesq=brigas%20em%20est%C3%A1dio&pagfis=122450 , visto por último 07/03/2025.

A Tribuna, 22/08/1995, link:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_07&pesq=brigas%20em%20est%C3%A1dio&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=121396 , visto por último 27/02/2025.

A Tribuna, Agosto de 1995. Link:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_07&Pesq=brigas%20em%20est%C3%A1dio&pagfis=122405 , visto por último 27/08/2025.

BRASIL. Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010. *Altera o estatuto do torcedor*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm>. Acesso em: 05 mai. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010. *Altera o estatuto do torcedor*. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm >. Acesso em: 05 mai. 2024.

Em 1895 foi disputada a primeira partida de futebol oficial no Brasil < https://www.camara.leg.br/radio/programas/431278-em-1895-foi-disputada-a-primeira-partida-de-futebol-oficial-no-brasil/?utm_source=chatgpt.com > visto por último 10/01/2025.

Folha Vitória (2015). Link: <https://www.folhavitoria.com.br/esportes/noticia/08/2015/tragedia-do-pacaembu-que-chocou-o-brasil-em-1995-completa-20-anos-na-quinta-feira> visto por último 11/02/2025.

Granbery através dos tempos - 134 anos de tradição < <http://colegio.granbery.edu.br/noticias/granbery-atraves-dos-tempos-134-anos-de-tradicao> > visto por último 10/01/2025.

Música da Torcida Galoucura. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/galoucura/1215160/> Acesso em 24 ago. 2023.

SÃO PAULO. Lei 9.470 de 27 de dezembro de 1996. *Demarcação de lugares nos estádio e ginásios do Estado de São Paulo*. Disponível em: <

<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1996/lei-9470-27.12.1996.html> >. Acesso em: 05 mai. 2024.

SÃO PAULO. Lei 9.470 de 27 de dezembro de 1996. *Demarcação de lugares nos estádio e ginásios do Estado de São Paulo*. Disponível em: <
<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1996/lei-9470-27.12.1996.html> >. Acesso em: 05 mai. 2024.)

Vídeo intitulado “Jogo da Morte Final Supercopa SP de Juniors 1995 São Paulo vs Palmeiras” no qual apresenta as imagens desse conflito: <
<https://www.youtube.com/watch?v=svilh7yG4Ww&t=8148s>> visto por último 11/02/2025.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional (Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2002).

BETTI, Mauro. “A televisão e a guerra do Pacaembu; povão versus cidadãos”. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 220-225, 1996.

CAVALCANTI, Everton Albuquerque; SOUZA, Juliano; CAPRARO, André Mendes. O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil - elementos teóricos e bibliográficos. Revista da Alesde, v. 3, p. 39-51, 2013.

CURI, Martin; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond; MELO, Igor Alves de; ROJO, Luiz Fernando; FERREIRA, Melina Aurora Terra; SILVA, Robson Campaneruti de. Observatório do Torcedor: o Estatuto. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 30, n. 1, p. 25-40, 2008.

DA MATTA, Roberto; BAETA NEVES, Luiz Felipe; GUEDES, Simoni Lahud & VOGEL, Arno. *O Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DOS SANTOS. Vagner Luiz Gonçalves. Comentários sobre a proibição de torcedores visitantes nos clássicos paulistas. Juris UniToledo, Araçatuba, São Paulo v. 03, n. 04, p.177-190, out./dez. 2018.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIULIANOTTI, R. Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HOLLANDA, B, B. B. de; MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

_____. Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. e0306, 2021. DOI: 10.5965/2175180313342021e0306. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0306>. Acesso em: 24 ago. 2023.

_____. *A torcida brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. v. 1. 160p.

_____. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012

_____. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

LOPES, D. L., *A relação entre o fanatismo esportivo e as torcidas organizadas*, Rio de Janeiro, 2007, 41 f.

MARIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MELO, V.A. *Cidade esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.

_____. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, 24(1), 107–120, 2010.

MURAD, Mauricio. *Violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas*. 2ª ed. São Paulo: Benvirá, 2017.

NOVAIS, Fernando Antonio; MELLO, João Manuel Cardoso de. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. In: _____. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Violência entre torcidas organizadas de futebol: Violência e Auto-afirmação*. São Paulo: Editora Vogal, 1997. 160 p.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. *Entre charangas e torcidas organizadas: trajetórias e transformações das torcidas de futebol em Fortaleza (1965-1993)*. Fortaleza: Dissertação de Mestrado em História na Universidade Estadual do Ceará, 2016.

REIS, Heloisa Helena Baldy. *Futebol e violência*. Campinas. Editora Armazém do livro. 2006.

REIS, Heloísa Baldydos; LOPES, Felipe Tavares Paes. O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 693-706, jul./set. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/57150-282694-1->

REZENDE, Fábio Henrique França; SALDANHA, Renato Machado; SILVA, Si-lvio Ricardo da. Estatuto de Defesa do Torcedor e Lei Geral do Esporte: similaridades e distinções no que concerne à atuação perante as torcidas organizadas. *Ludopédio*, São Paulo, v. 169, n. 7, 2023.

SALVADOR, Alexandre; ZALIS, Pieter. Como a Inglaterra acabou com a barbárie das torcidas. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/esporte/como-a-inglaterra-acabou-com-a-barbarie-das-torcidas/>. Acesso em: 07 mar. 2022.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo: Annablume, 2004. 172 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007, p. 49-65.

THOMPSON, JohnB. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010”. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de (et al.). A torcida Brasileira. Rio de Janeiro: Letras, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2002. 342 p.

_____. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. *Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo da vida na metrópole*. 1994. 220 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.